

Leandro Soares Assunção Rafael

RECREIO, LAZER E JUVENTUDES: O recreio como possibilidade de fruição das práticas de lazer na escola

Belo Horizonte
Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2021

Leandro Soares Assunção Rafael

RECREIO, LAZER E JUVENTUDES: O recreio como possibilidade de fruição das práticas de lazer na escola

A presente monografia apresentada ao curso de graduação da Educação Física Licenciatura da Escola de Educação Física e Terapia Ocupacional da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação física.

Orientadora: Profa. Dra. Elisângela Chaves
Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Carvalho Franco da Silveira

Belo Horizonte
Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2021

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma atividade complexa e difícil porque acredito que todas as pessoas e as instituições que passaram pela minha formação contribuíram de alguma forma seja pela amizade construída, pelos saberes transmitidos ou pelas experiências compartilhadas. Assim, se faz complexa, pois é possível cair no esquecimento algumas pessoas e instituições essenciais. Sendo assim, quero inicialmente agradecer de maneira geral a todas e todos que se dispuseram de seu tempo, espaço e estrutura para compartilhar e me ensinar um pouco da realidade da Educação física, me possibilitando errar e consolidar o meu processo de formação.

Porém, mesmo recaindo na complexidade de se esquecer alguém, vejo importante pontuar algumas pessoas e instituições essenciais para o meu processo de formação.

Das pessoas:

Agradeço a minha mãe Lívia, meu pai Vicente, meus irmãos Luvison e Lauro, minha irmã Lidiane pelo apoio, parceria, suporte e momentos de risada, pois esse processo é árduo, mas a parceria de vocês é essencial.

Agradeço a Patrícia pela resistência, por suportar as minhas ausências e por compartilhar os momentos de angústias e felicidades.

Agradeço as/os professoras/es do Pensando a Educação Física Escolar por ser um coletivo disposto a fazer a diferença, a ensinar e a aprender em conjunto.

Agradeço ao Franklin, a Míriam, a Marcela, a Raquel, a Caroline, a Natália, o Gabriel, o Caio e o Diego por serem parcerias fundamentais de graduação e de amizade.

Agradeço as professoras e professores Farinha, Luiz, Brunin, Amanda, Túlio, Nayara, Muskitin, Rafaella, Claudinho, Nicolas, Stela, Michele, Jaeder, Gyna, Luizzin e Ramon que disponibilizaram do seu tempo para orientar os meus processos de estágio.

Agradeço a Elisângela Chaves (orientadora) e o Guilherme Silveira (coorientador) que foram essenciais para que esse trabalho acontecesse com qualidade e me permitiram

encerrar esse ciclo de formação inicial com uma produção que me motiva ir para escola e me incentiva a continuar investigando o recreio, a escola e as juventudes.

Das instituições:

Agradeço a UFMG por me acolher e possibilitar um espaço de formação com profissionais de excelência desde o Ensino Fundamental até a graduação.

Agradeço ao Centro Pedagógico e ao Colégio Técnico da UFMG e todas as professoras e professores dessas instituições por me possibilitar uma Educação Básica de qualidade, mas também por abrirem espaço para uma iniciação à docência.

Por fim, agradeço ao Colégio Santo Agostinho, a Escola Municipal Oswaldo França Júnior e ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG por abrirem as portas para o meu aprendizado nessa trajetória inicial.

*“O que é ser um Bluesman?
É ser o inverso do que os outros pensam
É ser contra a corrente
Ser a própria força, a sua própria raiz
É saber que nunca fomos uma reprodução
automática
Da imagem submissa que foi criada por eles*

*Foda-se a imagem que vocês criaram
Não sou legível, não sou entendível
Sou meu próprio Deus, meu próprio santo
Meu próprio poeta
Me olhe como uma tela preta, de um único
pintor
Só eu posso fazer minha arte
Só eu posso me descrever
Vocês não têm esse direito
Não sou obrigado a ser o que vocês esperam
Somos muito mais
Se você não se enquadra ao que esperam
Você é um Bluesman” (Baco Exu do Blues)*

RESUMO

Motivado pelas experiências e observações no processo de formação inicial, esta pesquisa objetiva compreender o recreio escolar e suas relações com o lazer e as juventudes. Para tanto, tem como foco investigar e mapear as práticas de lazer realizadas por estudantes jovens, do 9º ano do ensino fundamental, em seu tempo/espaço de recreio de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte, compreendendo o acesso, as relações sociais e as necessidades e os desejos dos estudantes. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso que utiliza de caderno campo, questionários e entrevistas semiestruturadas para consolidar o percurso investigativo. No primeiro momento são apresentadas as definições encontradas na revisão de literatura sobre escola, recreio e lazer, estabelecendo as definições que conduziram a pesquisa. Esse diálogo possibilitou as análises e discussões a partir dos seguintes temas: a estrutura e organização do recreio da escola investigada; os sentidos atribuídos ao recreio pelos jovens; as manifestações culturais presentes no recreio e as necessidades e desejos dos jovens sobre essas manifestações; os espaços acessíveis e não acessíveis aos jovens no momento do recreio e suas vontades e compreensões sobre os espaços permitidos e não permitidos; as necessidades e desejos dos jovens sobre os materiais disponíveis e indisponíveis no momento do recreio; e por fim, as formas de relacionamento presentes no recreio, dentre elas a relação educador-estudante e estudante-estudante, e como essas ocorrem no momento de recreio escolar. Como considerações finais reforço a importância de consolidar propostas pedagógicas condizentes com o projeto político pedagógico da escola no tempo/espaço de recreio e são expostas duas possibilidades de organização do recreio encontradas na literatura que possuem como princípio a mediação, a autonomia, a escolha e os interesses dos estudantes. São indicadas essas propostas, pois como indicam os estudantes investigados o recreio necessita de mudança, liberdade e precisa estabelecer estratégias de diálogo com os seus interesses.

Palavras-chave: Recreio; Lazer; Juventudes; Escola

SUMÁRIO

1- PONTO DE PARTIDA	8
2- A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIOCULTURAL	10
2.1 A Escola	10
2.2 Recreio escolar	12
2.3 Lazer, Recreio e Escola.....	17
3- OBJETIVOS	20
3.1 Geral.....	20
3.2 Específicos	21
4- METODOLOGIA	21
5- A EMOFJ E A ORGANIZAÇÃO DO RECREIO	29
5.1 Sentidos atribuídos ao recreio pelos jovens	31
5.2 O recreio e as manifestações culturais	35
5.3 Espaços ocupados pelas juventudes no recreio	40
5.4 O que os jovens dizem sobre o acesso aos materiais no recreio?.....	46
5.5 Recreio e as relações estabelecidas	49
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1- PONTO DE PARTIDA

Em 2017 foi aberta a seleção para uma vaga de monitor no projeto de Extensão Escola de Esportes no Centro Pedagógico¹ da UFMG (CP). Motivado por já ter estudado nessa escola e por estar em busca de construir experiências no meio escolar, me candidatei a vaga e fui selecionado para o projeto. O projeto tinha como objetivo

Possibilitar que crianças e adolescentes do Centro Pedagógico e de outras escolas públicas de ensino fundamental, além de adultos da comunidade interna e externa, aprofundem sua aprendizagem em esportes, consolidando a escola como um espaço de convivência cultural e de produção de saberes (SILVEIRA; CAMPOS, 2016, p.7).

No projeto me envolvi com as atividades de extensão em que tive a oportunidade de ministrar aulas de modalidades esportivas, dentre elas, o Vôlei e Futsal. Além das atividades de extensão do projeto, tive a oportunidade de ministrar aulas, das modalidades Peteca, Squash, Rugby e Futebol Americano, em uma disciplina da escola nomeada Grupo de Trabalho Diferenciado² (GTD). Essas experiências me introduziram na docência da Educação Física escolar, além de possibilitar acompanhar um pouco do cotidiano da escola na posição de professor em formação inicial.

Diversos são os saberes que aprendi com os alunos e o corpo docente, mas o que mais me provocava, e provoca, na dinâmica escolar era o recreio e as práticas que emergem, se perpetuam e/ou são reinventadas nessa instituição, como por exemplo o jogo Paredão³, muito difundido no CP.

Provocador esse tema, pois cada vez mais com a crescente violência nos espaços urbanos e diminuição dos espaços públicos de lazer, os jovens se encontram restritos ao pouco espaço dos apartamentos e condomínios. E a escola é um dos lugares em que se podem proporcionar momentos de formação dos alunos para as possibilidades de ocupação dos espaços públicos de lazer na cidade e para a utilização dos próprios espaços da escola para realização de práticas impossibilitadas no cotidiano.

¹ O Centro Pedagógico faz parte de um grupo de escolas que, de acordo com a Portaria 959, do MEC, de 27 de setembro de 2013, são administradas pelas Universidades Federais e são consideradas Colégios de Aplicação em que são considerados colégios de aplicação “as unidades de educação básica que têm como finalidade desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente”.

² Disciplina do currículo do Centro Pedagógico-UFMG.

³ Jogo presente no Recreio do Centro Pedagógico -UFMG praticado desde os meus primeiros anos de Ensino Fundamental nessa escola em 2003. O jogo consiste em formar uma fila de alunos. Esses alunos devem rebater a bola de vôlei em busca de fazer com que a trajetória da bola quique uma vez no chão antes de tocar a parede. Jogo bem similar ao Squash.

Em sequência, em 2018, me integrei ao programa Residência Pedagógica (RP) da UFMG, financiado pela Capes, dentro do subprojeto da Educação física, coordenado pelo professor Dr. Admir Soares de Almeida Júnior. O RP busca “induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica” (CAPES, 2018) se relacionando às disciplinas de Análise da prática e estágio em Educação Física I, II e III na modalidade Licenciatura da UFMG. No RP, fui encaminhado para atuar na Escola Municipal Oswaldo França Júnior, com a professora Preceptora⁴ Dra. Gyna de Ávila Fernandes no Fundamental II.

Minha participação no programa se desenvolveu durante dezoito meses. A cada semestre, o programa se relacionava com uma das disciplinas obrigatórias de estágio. Assim, no segundo semestre de 2018, momento em que iniciou o RP, o programa dialogava com as discussões teóricas da disciplina análise da prática e estágio em Educação Física I. Essa primeira disciplina de estágio nos propõe compreender a dinâmica escolar, propondo um outro olhar para práticas “naturalizadas” na escola. Dessa maneira, eu tinha a tarefa de observar os tempos, os espaços e os sujeitos presentes na escola.

Diversos tempos, espaços e sujeitos me provocavam a pensar, mas o tempo e o espaço do recreio foram os que mais me provocaram. A dinâmica me possibilitou mapear e observar diversas práticas realizadas pelos alunos ao longo do recreio. Alguns exemplos são o truco, as coreografias de passinho BH (funk), o futebol na quadra, as rodas de conversas, as diversas práticas digitais nos celulares, entre outros. Nesse sentido me questionava: como ampliar as possibilidades de práticas no recreio sem atropelar as existentes? Como os jovens compreendem o recreio? Quais são as necessidades e desejos dos jovens sobre o recreio?

Dessa forma, a partir dessas experiências, questões, assim como de pesquisas bibliográficas sobre o tema, desenvolvi uma pesquisa caracterizada como estudo de caso, na Escola Municipal Oswaldo França Júnior, para investigar as práticas de lazer desenvolvidas por estudantes do 9º ano, compreendendo o acesso, as relações sociais, as necessidades e os desejos dos estudantes no contexto escolar de recreio.

⁴ Professor/a preceptor/a é aquela/a responsável por receber os estudantes de graduação em suas respectivas escolas e mediar o processo de iniciação à docência desses professores em formação inicial ao longo do tempo de estadia no Programa Residência Pedagógica em busca de compreender a cultura escolar e os processos de atuação docente.

Esta pesquisa também apresenta outros olhares (de professores, diretores e gestores da educação) sobre a compreensão, o significado e a atuação no tempo e no espaço do recreio em busca de trazer reflexões sobre esse momento escolar através da lente do lazer na escola, mas vai em busca de enfatizar as necessidades e desejos dos jovens sobre tempo e espaço do recreio, pois compreende que os jovens como sujeitos sociais que

Constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL; 2003, p.42).

2- A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIOCULTURAL

2.1 A Escola

Antes de me debruçar sobre os achados desta pesquisa se faz necessário apresentar as referências e os conceitos que servirão de base para compreender a escola, o lazer e o recreio.

Partindo de uma perspectiva mais ampla, a escola pública faz parte de um sistema de ensino gerenciado e regulamentado pela União, pelos Estados e pelos Municípios. Nesse sistema, a educação é dividida em dois momentos: a Educação Básica e o Ensino Superior, cada uma com a sua função e público-alvo.

A Educação Básica, com o objetivo de atender as crianças e adolescentes entre 04 e 17 anos, se divide em três etapas: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Majoritariamente⁵ no sistema público de ensino de Belo Horizonte a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) representa a etapa da Educação Infantil para crianças de quatro e cinco anos, a EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) representa o Ensino Fundamental, para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, e as escolas Estaduais representam o Ensino Médio, para adolescentes de 15 a 17 anos. Nesse cenário,

⁵ Aqui se coloca majoritariamente, pois existem no sistema de ensino escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio que são de âmbito federal e até mesmo escolas estaduais responsáveis pelo Ensino Fundamental, mas essas representam a minoria de todo o sistema de educação de Belo Horizonte.

Dada a autonomia dos entes federativos, toda essa imensidão, em termos de organização política e administrativa, resulta na existência de inúmeras formas de organizar a educação escolar. Considerando a autonomia relativa das unidades de ensino (escolas), públicas e particulares, as diversidades ampliam-se ainda mais (PARENTE, 2010, p.148).

Dessa forma, a escola “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB, 1996). Sendo uma “instituição ímpar, que se estrutura sobre processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamento, constituidores da própria cultura, que não é monolítica, nem estática, nem repetível” (SILVA, 2006, p. 205). Ou seja, a escola é uma instituição formal, autônoma, inserida em um sistema de ensino, estruturada pela diversidade de pensamento e sujeitos que a compõem e que tem como objetivo proporcionar um tempo e espaço de ensino e aprendizagem através dos diferentes saberes presentes na sociedade.

Silva (2006) entende que os elementos que constituem a escola são os sujeitos, os discursos, as instituições e as práticas. Esses elementos definem a cultura escolar própria e fazem com que sua organização seja única e singular dentro de todo o sistema de ensino.

Assim, por ser uma instituição influenciada pelos tempos e espaços, a escola também pode ser compreendida a partir dos seus espaços e tempos escolares.

Como espaço, segundo Fantoni e Sanfelice (2018) baseado em Martins e Castro (2011) a escola é um local planejado e construído para receber os estudantes cuja estrutura arquitetônica educa. Ao educar, esse espaço possui alguns lugares tradicionais como as salas de aula, quadras e pátios e também é um espaço onde se desenvolvem tramas sociais que ocorrem com os sujeitos que a compõem. Ao mesmo tempo, a escola é um espaço planejado de forma a atender os estudantes próximo a sua residência (BRASIL, 1996).

Cláudia Parente afirma, ao investigar a construção dos tempos escolares, que o tempo é uma construção social e histórica que delimita as práticas sociais. Nessa delimitação, a partir do processo de industrialização, o tempo se torna uma moeda de troca que busca mensurar e dividir o tempo para uma produtividade mais elevada. Nesse movimento sócio-histórico, a escola se reestrutura e é elaborada de acordo com essa lógica produtivista sistematizando alguns tempos escolares que a autora identifica como: “os tempos de escola; os tempos de escolarização; e os tempos na escola” (PARENTE,2010).

Sobre os tempos escolares, Parente (2010) conceitua os “tempos de escola” como aqueles destinados ao momento de escolarização na qual se define quando se inicia e quando termina o período escolar, ou seja quando se inicia e encerra a obrigatoriedade do ensino; os “tempos de escolarização” são compreendidos como o modelo pelo qual se organiza os conteúdos que determina o tempo destinado à aprendizagem dos estudantes; e por fim, “os tempos na escola” são os tempos perpetuados ou criados pela própria instituição para permanência na escola de professores e alunos.

Dentro dessa divisão do tempo escolar, ressaltamos os “tempos na escola” que possuem,

Determinada lógica de funcionamento, advinda das relações que se estabelecem nela e/ou sobre ela [a escola], da forma como as decisões são tomadas, dos comportamentos, valores e interesses dos diferentes atores que dela fazem parte. Há congruência dos fatores externos e internos que produzem a cultura da escola (PARENTE,2010, p.).

A organização dos tempos na escola é definida de acordo com as diretrizes legais educacionais e com os objetivos da comunidade escolar -gestores, professores, estudantes e pais. Nessa organização, podemos encontrar diferentes tempos como o tempo de planejamento, o tempo de aula, o tempo de confraternizações e o tempo de Recreio.

2.2 Recreio escolar

Pátio, sol, sirene, dez e quinze, gritos, corre-corre, risadas, quadras, lanche, bebedouro, chutes, salgadinhos, conversa, passeios; funcionários olhando as crianças, camisetas, corda, segredinhos, futebol, mochilas, jogo de mãos, empurra-empurra; uma menina arruma o cabelo, outras duas fofocam, bola para cima e para baixo, ventinho na cara, um menino amarra o cadarço, uma professora atravessa rapidamente o pátio; alunos e alunas sentados nos bancos, passa outra professora, meninos brincam com fichas no chão, filas, descanso, passam duas professoras, muitas vozes juntas que não permitem ouvir ninguém, dois meninos se empurram e um terceiro fica olhando; no canteiro, crianças estão sentadas enquanto outra turma joga basquete na quadra; dois adolescentes passam caminhando, uma menina caminha até a porta, outras duas passam correndo de mãos dadas, uma menina tapa os olhos da colega, deixa-se ver e sai correndo com sua amiga atrás; minissaias, abraços, celular, boneca, funcionária xingando... (WENETZ; STIGGER, 2006, p.1)

Wenetz e Stigger, nesse parágrafo, conseguem apresentar com sutileza e precisão diferentes acontecimentos, tramas e relações que ocorrem no recreio. Mas o que é o recreio? Como ele é organizado?

Como ponto de partida, é possível identificar no contexto histórico a compreensão de que o recreio é instituído na escola “sob o argumento de que serve para o descanso e a recuperação do corpo em detrimento da continuidade das atividades de ensino realizadas em sala de aula” (ANDRADE, 2020, p.58). Pereira (2003) conceitua o recreio como um tempo, de pausa, institucionalizada na escola, das disciplinas formais para os professores e alunos e como espaço acessível para os estudantes estabelecerem relações de socialização⁶, brincadeiras e práticas de interesse.

Por outro lado, Guzzoni (citado por ANDRADE, 2020, p.55) o define, como “um ambiente muito rico de manifestações culturais. Isso, porque, é neste momento da rotina escolar que o estudante pode dispor de uma certa autonomia e liberdade para gerir as experiências desejáveis explorando sua criatividade e inventividade”.

Nesse entrecruzamento de tempo, espaço, manifestações culturais, liberdade e autonomia, o recreio é compreendido por Silva (2012, p.94) como:

Um momento de recreação inserido na rotina da escola fundamental, ocorrido externamente aos horários das aulas, quando as crianças encontram-se mais livres dos olhares adultos, interagindo com seus pares e intermediadas pelas possibilidades que os tempos e espaços do recreio lhe permite.

Fantoni e Sanfelice (2018, p.174) afirmam que recreio

Está relacionado ao termo recrear como divertimento, entretenimento, como tempo concedido às crianças para brincarem, nos intervalos das aulas ou do estudo. Desta forma, o recreio constitui-se como também um espaço privilegiado para a brincadeira, algo tão necessário às crianças na vivência de suas infâncias.

Nesse sentido, o recreio é “o momento de maior liberdade de ação dos alunos” (SILVA, 2012, p.80) e “momento que o aluno procura satisfazer seus anseios e necessidades voltados ao lazer” (PRATES, 2010, p.18). Dessa forma, o recreio é entendido como um momento para se permitir aos alunos que realizem práticas comumente impedidas pela realidade social e localização em que vivem, devido a redução dos tempos, espaços e experiências de lazer (ANDRADE, 2020).

⁶ Socialização compreendida, segundo o dicionário Aurélio, como “ato ou efeito de socializar, de tornar social ou comum a uma sociedade” e segundo Gomes e Faria (2005) baseado em Peralva (1997) como um “processo educativo inerente a infância e a[s] juventude[s]: [...]configurado, no sentido de um aprendizado comum realizado pelos diferentes grupos etários em face das injunções de um mundo que lhes aparece como fundamentalmente novo.”

Sendo esse tempo e espaço de liberdade relativa (uma vez que há diversos constrangimentos escolares) e satisfação em que os estudantes podem realizar práticas de acordo com os seus interesses e necessidades (respeitando os limites das normas e tradições de cada escola), se faz necessário compreender o recreio como parte da proposta pedagógica escolar. Por isso, “os tempos e espaços de recreio deveriam constar nos projetos educativos da escola porque são espaços e tempos de escola, que fazem parte do processo de aprendizagem” (CABRITA, 2005, p. 35)”. Segundo o parecer do ministério da Educação⁷, redigido em 2003 por Sylvia Figueiredo Gouvêa,

As atividades livres ou dirigidas, durante o período de recreio, possuem um enorme potencial educativo e devem ser consideradas pela escola na elaboração da sua Proposta Pedagógica. Os momentos de recreio livre são fundamentais para a expansão da criatividade e para o cultivo da intimidade dos alunos (BRASIL, 2003)

A partir dessa percepção, Faria Filho e Vidal (2000, p.32), ao discutir os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização, relatam que o que se faz durante os tempos escolares é um objeto em disputa e a maneira “como se gasta ou usa o tempo de estada no espaço escolar é o que cada vez mais se põe em xeque à medida que se alteram as demandas sociais”. Em meio a essa luta de significados, se encontra na literatura acadêmica três tipos de propostas de organização do recreio: as propostas de atividades livres, as propostas de instrumentalização do recreio e as propostas de atividades dirigidas.

Como momento de atividades relativamente livres (limitados por normas e valores da escola), o recreio é um tempo e espaço em que ocorrem diferentes aprendizagens e tramas sociais entre os sujeitos, sem que a instituição intervenha em sua organização (a não ser no sentido de coibir práticas e interações consideradas inadequadas ao ambiente escolar) nem proponha ações educativas planejadas e sistematizadas. Nessa forma, o recreio se apresenta com uma diversidade de atividades e práticas que segundo Wenzel e Stigger (2006), se constituem como aprendizagens não oficiais e não intencionais (do ponto de vista da escola), em que os sujeitos aprendem com os pares, por exemplo, o que

⁷ Parecer de número CEB 02/2003, aprovado em 19 de fevereiro de 2003, relatado por Sylvia Figueiredo Gouvêa, tramitado na Câmara de Educação Básica e no Conselho Nacional de Educação do Distrito Federal e que tem como assunto o recreio como atividade escolar retomando a indicação da CNE/CEB 2/2002, de 04 de novembro de 2002.

são as masculinidades e as feminilidades e quais são as práticas e os espaços que representam a sua identidade de gênero.

Nesse tipo de recreio, para Cruz e Carvalho (2006), a violência e a agressão são atitudes que se expressam de diferentes formas, mas é possível identificar essa atitude entre meninos e meninas na tentativa de disputar os interesses de poder no momento do recreio, mas também como forma de provocação para a interação entre meninos e meninas. Dessa forma, quando diversos autores reforçam o caráter violento e agressivo presente no recreio de atividades livres estes também reforçam as aprendizagens não intencionais, não oficiais e não reflexivas que se dão na resolução dos conflitos, nas quais em grande medida se prevalece a autoridade do responsável pelo recreio.

Como proposta de instrumentalização do recreio, a literatura indica que não basta deixar os estudantes à própria sorte, “o professor deve estar observando, anotando, pensando até em como aproveitar algo que aconteceu durante esses momentos para ser usado na contextualização de um conteúdo que vai trabalhar na próxima aula” (BRASIL, 2003, s/p). Ou seja, o recreio também pode ser compreendido, nessa perspectiva, como um momento importante e significativo, em que as(os) professoras(es) podem pesquisar as juventudes e construir práticas mais próximas a suas realidades.

No terceiro movimento observado na literatura, de promoção de atividades dirigidas no recreio, existem diferentes tentativas de sistematização do recreio. A primeira perspectiva, investe em sistematizar o recreio como mais um tempo de apreensão dos conhecimentos curriculares das mais diversas disciplinas que compõem o currículo escolar. Nessas propostas, ao propor atividades e práticas curriculares e determinadas, esses projetos são justificados, pois minimizam a ocorrência de brigas, correrias e estabelecem espaços de continuidade das aprendizagens intencionais da escola. Nessa direção, cito o recreio “ConsCiência” (COSTA; LIMA, 2017); “A química no recreio” (OTESBELGUE, BRIÃO, FERREIRA, 2014); “Intervalo Orientado” (CRUZ, SANTOS, CABRAL, 2016); “Recreio em Movimento” (DE MARCO, BIM, BALDUÌM, 2018); e Buttore e Silva (2017) com “A Coordenação Pedagógica na organização do espaço escolar: como desenvolver atividades significativas no horário do recreio”.

Em outra perspectiva, parte do terceiro movimento de propostas dirigidas no recreio, se tem propostas de intervenções que possuem como objetivo aumentar a prática

de atividades físicas a partir da promoção de atividades que visam reduzir o sedentarismo em crianças e adolescentes. Nesse viés, encontramos reflexões de Carvalho e Papaléo (2010); Lopes *et al.* (2012); Faria et al. (2014); e Lopes, Lopes e Pereira (2006). Essas propostas utilizam dos conteúdos da Educação Física para organizar a promoção de atividade física. Carvalho e Papaléo (2010), por exemplo, indicam a relação entre a organização do recreio por meio do resgate de brincadeiras infantis, aumentando a prática de atividade física em crianças e possibilitando a diminuição do sedentarismo.

Contudo, pensar uma ação no recreio com propostas organizadas e sistematizadas por atividades planejadas, orientadas e apresentadas pedagogicamente, por algum professor ou monitor, em busca de tornar o recreio passível de controle a violência, correrias, gritaria ou promovendo saúde torna o recreio uma ação que, em certa medida, pode perder o seu potencial criativo, de socialização e de aprendizagens não formais e não intencionais. Dessa forma, defendo aqui que

Sejam pensadas propostas para o recreio, não com objetivo de transformar esse tempo/espço em uma experiência dirigida, ou seja, um recreio dirigido, pois acredito que o recreio deve ser um momento privilegiado para a liberdade de escolha e de brincar da criança, ao contrário disso, busco enfatizar a necessidade da instituição problematizar junto a toda sua comunidade o caráter educativo do recreio e como sua forma de organização pode influenciar as experiências nele vividas (ANDRADE, 2020, p.64-65).

Assim, se corrobora com Fantoni e Sanfelice (2018) que quando se está no recreio livre, com arquitetura atraente/adequada e com uma diversidade de materialidades disponibilizadas o estudante

Torna-se agente de seu próprio desenvolvimento na medida em que atua selecionando as suas atividades e objetos, seus lugares preferidos, seus colegas; por outro lado, ela também é influenciada pelo ambiente sócio e físico em que se encontra, que atua sobre ela, facilitando, contribuindo e, até mesmo, alterando seus comportamentos, os quais, por sua vez, também modificam o ambiente (FANTONI; SANFELICE, 2018, p.175).

Sendo assim, diante de toda reflexão sobre o conceito de recreio, compreendo o recreio como um tempo e espaço escolar institucionalizado e autorizado em que as crianças e os adolescentes podem experimentar e vivenciar as diferentes manifestações de “cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (BRASIL, 1990). Em que “se

configura como lugar de convivência e de participação social de crianças, jovens e adultos” (FANTONI; SANFELICE, 2018, p.175). E se configura como um tempo e espaço na qual “se processam experiências e se produzem subjetividades” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2018, p.30).

2.3 Lazer, Recreio e Escola

Entendendo que a escola é uma instituição ímpar que possui uma cultura escolar onde se insere o tempo e espaço do recreio e que o recreio baseado em Andrade (2020) é um momento de lazer onde “os estudantes podem fazer opções — ainda que restritas aos limites da cultura escolar e da escola — de por onde andar, com quem conversar, se aproximar e brincar e onde e como materializar estas escolhas” (p.55), apresento a seguir uma perspectiva relacional entre o lazer, o recreio e a escola.

Segundo Gomes (2012), diferentes são as origens que definem e retratam o conceito de lazer. Cada origem varia de acordo com o contexto e a realidade social produzida pelo sujeito. Partindo de um dos entendimentos eurocêtricos clássicos, baseado no processo de industrialização e trabalho, Joffre Dumazedier conceitua o lazer como

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1979, p.34).

Dessa forma, Dumazedier ao demarcar historicamente as produções científicas no campo do lazer, define esse fenômeno em contraposição ao trabalho, em que o sujeito pode selecionar e escolher as práticas que deseja realizar, em caráter desinteressado, após livrar-se das obrigações sociais, o que significa compreender o lazer como uma dimensão menor da vida.

Os conceitos de lazer que se apresentam tendo como pano de fundo a dicotomia entre lazer e trabalho vêm sofrendo críticas por sua limitação. Gomes (2012) afirma que essa definição de lazer não atinge determinados povos e culturas cuja organização social não está pautada na produção e não tem o trabalho como principal foco. Além disso, Gomes (2012), compreende o lazer não como um contraponto ao trabalho, mas como uma

dimensão da cultura que dialoga com o trabalho, com as relações sociais, com a política e com a economia. Assim, a autora compreende o lazer “como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos” (GOMES, 2014, p.9). Nessa definição, Gomes dá outra dimensão ao conceito de lazer ao retirar a sua dependência em relação ao fenômeno do trabalho.

A presente pesquisa trabalhará com essa compreensão do lazer como uma necessidade humana que se desenvolve por meio de práticas sociais vivenciadas ludicamente em diferentes tempos e lugares, como a escola, inclusive. Nessa perspectiva, o lazer ocorre independentemente dos tempos de trabalho e pode se desenvolver até mesmo nos horários organizados e destinados ao trabalho ou ao estudo, no caso da escola. Nessa direção, Mariana Malta (2015), estudando práticas de lazer na escola, destaca que:

O lazer é, nesse contexto, entendido como as práticas e atividades, brincadeiras, jogos, ações, como andar pela escola, escutar música, movimentações, experiências e vivências que os alunos experienciam quando não estão em sala de aula. Ou seja, lazer é tudo o que emerge a partir desses encontros, principalmente as aprendizagens que ocorrem e vão ao encontro do entendimento da relação ensino-aprendizagem, pautada na noção de transmissão de representações, de transmissão de conteúdos mentais (MALTA, 2015, p.57).

Indo mais além, Guilherme Silveira, estudando práticas de lazer digitais na escola, destaca que o lazer não se restringe a momentos fora da sala de aula, mas que também se manifesta quando os estudantes estão dentro da sala de aula de forma que

Brechas de lazer informalmente constituídas pelos adolescentes em diferentes tempos escolares se manifestavam, no sentido proposto por De Certeau (2003, p. 41), como “procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) [que] jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam a ela a não ser para alterá-los”, se tornando ‘maneiras de fazer’ (maneiras de lazer?) que modificavam, mesmo que apenas temporariamente, o significado imaginado pelos adultos (SILVEIRA, 2019, p. 200)

Assim, o recreio entendido como um tempo institucionalizado e autorizado pelos adultos em que os estudantes podem selecionar as práticas, os amigos e os espaços, dentro daqueles possíveis. Um momento que possibilita a inserção da ludicidade e da escolha dentro da escola onde “o corpo dócil e aparentemente silencioso, vivido em sala de aula, passa a ser um corpo brincante e criativo vivido nos interstícios do tempo regular das aulas, isso é, no tempo/espaço livre nas quadras, pátios, parquinhos, cantinas, escolas,

áreas verdes” (RECHIA, 2006, p.99) e emergem diferentes práticas de lazer como o futebol, o truco, as andanças, as conversas, os namoros, o Yugi-oh!, as observações, a célula (MALTA, 2015) e as mais diversas práticas digitais (SILVEIRA, 2019).

Como tempo de intervalo, o recreio é um momento que permite a construção de uma escola que busque criticar a lógica produtivista e exclusivamente cumulativa em que é necessário:

Partir da aceitação do outro, permitindo-o que se expresse livremente, de acordo consigo mesmo, com seu ritmo e sua emoção; valorizando e escutando seus pontos de vista e suas formas de entender a realidade. Tudo isto buscando, intencionalmente, o desenvolvimento da imaginação e do talento criativo, elementos tão necessários quando sonhamos com outros mundos possíveis. (GOMES; ELIZALDE, 2012, p.139)

Em que, para que se expresse a individualidade dos sujeitos se faz necessário incorporar a

Ludicidade, a livre escolha e o desfrute na busca do desenvolvimento e da realização pessoal, estimulando a (re)descoberta de sentidos profundos por parte dos participantes, é um desafio de toda a educação para a sustentabilidade. Educação centrada em uma aprendizagem transformacional com ênfase nas perguntas, no futuro e na inovação, de modo que o lazer possa ser um dos elementos mobilizadores desse processo (GOMES; ELIZALDE, 2012, p.148).

Com essa compreensão, a escola “adquire uma responsabilidade e representatividade essencial para que esse fenômeno seja vivenciado nos espaços e tempos de autonomia e liberdade que a escola pode proporcionar como, por exemplo, no recreio” em que “quanto mais articulado com o interesse e necessidades dos sujeitos, maior a relação estabelecida entre estes e o espaço” (ANDRADE, 2020).

Assim, é importante repensar o tempo e espaço do recreio de forma a promover a emergência das práticas de lazer por parte dos interesses dos estudantes. Não inibindo ou cessando as práticas de interesse já desenvolvidas no tempo/espaço de recreio, como o ócio, o descanso e o uso do celular, mas que possibilite o despertar de novos interesses dos adolescentes para a diversidade de práticas corporais e de lazer presente na sociedade. Tudo isso por meio das disponibilidades de materialidades, espaços e estrutura para os estudantes em que as/os professoras/es se apresentem como mediadores das relações e organizações do recreio. Nessa perspectiva:

As práticas de lazer se configuram como ricas possibilidade de formação humana, em que, no caso da escola, mesmo os conflitos carregam um rico potencial de intervenção pedagógica, é possível que os intervalos e o almoço se constituam cada vez mais como tempos de transformação de crianças e adolescentes, mediados pelos seus adultos da escola. Entretanto, tendo em vista as características das práticas de lazer como sociabilidade e (relativa) espontaneidade, autonomia, liberdade, pode-se imaginar uma lógica de organização das atividades diferentes da lógica de planejamento dos tempos de aula. (SILVEIRA, 2020, p.2).

Em síntese, o recreio faz parte dos tempos na escola em que se conceitua como um momento fora das atividades de aprendizagem formais e intencionais da escola e se permite, pelo seu caráter de tempo de intervalo, o recrear, a criatividade, a ludicidade e a emergência de práticas de lazer e da cultura corporal. Por assumir essas características, o recreio se constitui como um tempo e espaço possível para a construção de ações pedagógicas que permitam a inserção de projetos que viabilizam a promoção e a ampliação de práticas de lazer tendo como princípio a autonomia organizacional entre os estudantes e a mediação dos educadores presentes na escola, em conjunto com a possibilidade de compreender as juventudes e suas relações sociais em seu tempo de intervalo.

Assim, ao término dessa pesquisa busca-se compreender as seguintes questões, a saber, a) Como os estudantes compreendem o recreio?; b) O que os estudantes fazem no período do recreio?; c) Será que os estudantes possuem uma necessidade/desejo de ampliar as práticas, os tempos e os espaços livres disponíveis na escola para as práticas de lazer?

3- OBJETIVOS

3.1 Geral

Investigar e mapear as práticas de lazer realizadas por estudantes de uma escola pública, inseridos no 9º ano do Ensino Fundamental, compreendendo o acesso, as relações sociais, as necessidades e os desejos dos estudantes no contexto escolar de tempo/espaço de recreio.

3.2 Específicos

- Compreender quais são as práticas, os espaços e os materiais acessados pelos estudantes no recreio;
- Analisar o recreio como tempo/espaço de práticas de lazer dos alunos;
- Compreender as necessidades/desejos dos alunos em relação às práticas demandadas no recreio;
- Compreender a origem de interesse das práticas corporais selecionadas no recreio;
- Identificar a necessidade/desejo de ampliação das práticas corporais no recreio;
- Identificar a percepção dos sujeitos sobre o significado do recreio;

4- METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil: a Escola Municipal Oswaldo França Júnior (EMOFJ) - escola onde realizei meu estágio pelo Programa Residência Pedagógica (RP). Uma escola de bairro, que atende principalmente alunos moradores do entorno do bairro São Gabriel. O bairro São Gabriel é de classe/tipo popular, ou seja, a renda média mensal do chefe de domicílio é inferior a 5 salários mínimos, segundo dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (IPEAD), em 2018.

Atualmente, a escola conta com cerca de 1200 estudantes sendo aproximadamente 600 no turno da manhã, que compreende o período de 7h às 11h20min, com o recreio entre 9h às 9h20min. No turno da manhã encontram-se estudantes majoritariamente do Ensino Fundamental II, inseridos do 6º ao 9º ano e uma turma do 5º ano. Os estudantes possuem idade entre 10 e 16 anos.

Nesse contexto de escola pública municipal, a proposta metodológica da pesquisa caminhava na direção de uma pesquisa-ação que objetivava observar o recreio, mapear as práticas e realizar um projeto que viabilizasse a imersão, emergência e ampliação de práticas de lazer no recreio. Esse projeto buscava aproximar todos os 600 estudantes do turno da manhã e investia em disponibilizar materiais e espaços que fossem ao encontro das necessidades e desejos dos estudantes. Além disso, o projeto de pesquisa inicial investia em observar e escutar as(os) professoras(es) e gestoras em busca de aproximar

as percepções dessas(es) educadoras(es) sobre o recreio e o projeto que seria implementado.

Destaco que a pesquisa foi idealizada a partir da observação do recreio de forma presencial durante a realização das atividades do Programa Residência Pedagógica e produção do diário de campo. O diário se deu através da produção de dois relatórios, na disciplina análise da prática e estágio em Educação Física 1 e 2, onde se descreve e analisa os tempos, espaços, sujeitos e o currículo da Educação Física na escola. O tempo de permanência para a produção deste caderno de campo foi de 18 meses, durante o período de agosto de 2018 a dezembro de 2019.

Com essa perspectiva, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG), em junho de 2020, em busca de legitimar os percursos planejados para a pesquisa, pois entendo da necessidade de se manter a integridade dos sujeitos ao propor investigar crianças e adolescentes e se evitar exposições desnecessárias.

Contudo, em março de 2020, a pandemia do COVID-19 e conseqüentemente o isolamento social, a pesquisa de campo que visava a experimentação de uma proposta pedagógica de oferta de atividades lúdicas no recreio ficou inviabilizada e foi necessário repensar o caminho metodológico da pesquisa. Neste sentido, em análise ao contexto e em observância ao diário, reelaborei a investigação não perdendo de vista o recreio, o lazer, as práticas e os desejos e necessidades dos estudantes.

A ênfase da pesquisa recaiu sobre a compreensão do recreio na perspectiva dos próprios estudantes porque corroborando com Andrade (2020), compreendo o recreio como um tempo e espaço de lazer da/na escola em que se faz necessário investigar a compreensão sobre o recreio através das juventudes inseridas nela. Dessa forma, em setembro de 2020 ao receber o parecer do CEP/UFMG, modifiquei o percurso metodológico da pesquisa e investi em apreender as percepções e análises dos estudantes sobre o recreio. Ou seja, a pesquisa migra de uma perspectiva pedagógica de ação lúdica no recreio para uma proposta de investigação onde as juventudes estão no centro. Para tanto, selecionei o estudo de caso como estratégia metodológica.

Segundo Laville e Dione (1999, p.155) o estudo de caso “refere-se evidentemente ao estudo de *um* caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma

comunidade, de um meio, ou então fará referência a um acontecimento especial, uma mudança política, um conflito...”. Assim, essa forma de estudo “bem conduzido não poderia se contentar em fornecer uma simples descrição que não desembocasse em uma explicação, pois, como sempre, o objetivo de uma pesquisa não é ver, mas, sim, compreender” (LAVILLE; DIONE, 1999, p.155).

Analisando uma instância específica e buscando profundidade, o estudo de caso viabiliza segundo De André (1984) uma generalização naturalística por meio de um “processo subjetivo e não um ato de inferência lógica (ou estática)” (p.52) em que “o reconhecimento de semelhanças ou de aspectos típicos ocorre do domínio do indivíduo” (p.52), ou seja, o sujeito leitor a partir das descrições e análises da pesquisa interpreta o que é apresentado e encontra generalizações com a sua realidade.

Nessa direção, De André (1984) elenca alguns princípios fundamentais para a construção de um estudo de caso. São eles: 1) a atenção a elementos que podem emergir ao longo do estudo; 2) a constante interpretação contextualizada; 3) a representação no estudo dos diferentes pontos de vista sobre o objeto de pesquisa; 4) a triangulação das informações por meio de diferentes formas de coleta de dados; 5) deve permitir a generalização natural; 6) relatar a realidade de forma completa e profunda; e 7) informa as análises por meio de linguagem acessível podendo se apresentar por meio de narrativa, ilustrações, citações e exemplos.

Sendo assim, para este estudo, inclui a participação apenas dos estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental dessa escola, em que convidei 110 estudantes para contribuírem. O recorte é justificado pelo entendimento de que esses jovens se encontram no fim do processo de escolarização na segunda etapa da educação básica e podem apresentar um diálogo entre o processo formativo de 9 anos na escola e sua relação com o recreio. Além disso, abandonei a perspectiva de entrevista com professoras e gestoras, pois se compreendeu, no percurso dos estudos, o pouco tempo para análise dos instrumentos e a necessidade em se aprofundar na investigação sobre a relação entre as juventudes e o recreio, a partir dos olhares dos próprios jovens.

Dito o contexto e a estratégia que direciona o percurso metodológico, apresentarei a seguir como se deu a imersão no campo e a aproximação à distância com os estudantes. Para iniciar o processo e ter acesso ao campo de pesquisa, agendei por intermédio da

professora Gyna de Ávila Fernandes⁸ uma reunião, em setembro de 2020, com a Tânia Aparecida Ferreira dos Santos (diretora da escola), Cristiane Nunes de Oliveira (coordenadora pedagógica), Elisângela Chaves (orientadora de TCC), a Gyna e Leandro Soares Assunção Rafael (pesquisador do TCC). Nessa reunião foram apresentados aos participantes pelo Leandro o problema de pesquisa, a metodologia, os conceitos que embasam a pesquisa e o cronograma de ações com os estudantes. O objetivo nesse primeiro contato foi o de receber uma autorização para realização da pesquisa na escola, por meio da carta de anuência, e a consolidação de uma mediação dessas professoras entre o pesquisador do TCC, a escola e os estudantes sobre o percurso da pesquisa.

Cientes da organização, do objetivo da pesquisa e autorizada a sua realização pela escola e pelo Comitê de Ética (CEP), aprovado no CEP em setembro de 2020⁹, comecei a etapa de investigação do estudo. Aqui, planejei dois momentos: o primeiro de coleta de dados por meio de um questionário, com objetivo de mapear as práticas de lazer, os espaços, os materiais e a compreensão dos estudantes sobre o recreio; e o segundo momento de roda de conversa por meio de videoconferência com o objetivo de aprofundar as análises acerca das necessidades e desejos dos estudantes sobre o recreio.

Importante destacar que o fato da pesquisa ter sido realizada de forma remota sem nenhum contato presencial, desde dezembro de 2019, fez com que algumas limitações se apresentassem, dentre elas se tem: a perda da pessoalidade, em que se percebe que alguns estudantes não participaram por não se sentirem à vontade de comunicar com o pesquisador; a dificuldade de comunicação devido ao grande volume de informações referente ao ensino remoto enviadas pela escola via WhatsApp; a dificuldade de atingir estudantes com deficiência, por existir uma dependência da disponibilidade dos responsáveis para acompanhar o filho no preenchimento do questionário; o acesso à tecnologia, no qual alguns estudantes não possuíam equipamento adequado ou acesso à internet para participar da pesquisa; e por fim, a dificuldade de alguns responsáveis com o uso da tecnologia, acarretando a necessidade de retornar o contato repetidas vezes para que completassem o preenchimento do Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

⁸ Doutora em Educação pela UFMG, professora de Educação física da rede municipal de Belo Horizonte atuando na Escola Municipal Oswaldo França Júnior e preceptora do Programa Residência Pedagógica de agosto de 2018 a fevereiro de 2019.

⁹ Ressaltamos que devido ao fato de a pesquisa investigar a percepção das juventudes, atuar com adolescentes e ter um cronograma inicial de pesquisa com duração de 18 meses, decidimos por submeter a pesquisa ao CEP. O trabalho foi submetido em junho de 2020 e aprovado em setembro de 2020.

Sendo assim, para que os dois momentos planejados acontecessem foi necessário investir em estratégias de aproximação ao grupo de pessoas selecionadas. Assim, a primeira estratégia de aproximação se deu na minha participação em uma reunião virtual com estudantes e responsáveis. Nesse encontro foi possível me apresentar, falar sobre a pesquisa e convidar os estudantes e responsáveis para participarem da pesquisa.

Feito essa primeira aproximação e (re)conhecimento¹⁰, fui inserido no grupo de WhatsApp, em novembro de 2020, com todos os estudantes do 9º ano (grupo criado devido ao ensino remoto). Nesse grupo, produzi um vídeo curto, com duração de 1 minuto, explicando o objetivo da pesquisa e como ela seria desenvolvida. O vídeo tinha como objetivo ter um material audiovisual mais atrativo para que os estudantes e responsáveis, que não participaram da reunião, se aproximassem da pesquisa. Além disso, o vídeo indicava que os estudantes interessados em participar entrassem em um outro grupo de WhatsApp intitulado “Pesquisa: Recreio EMOFJ” com o objetivo de enviar mais informações sobre a pesquisa e construir um canal de comunicação para envio dos contatos e dos termos do TCLE.

A partir dessa proposta quatro estudantes entraram no grupo. Nesse grupo, seguindo as orientações do CEP, se solicitava que enviassem o contato do responsável, para enviar o formulário 1 (Anexo I) com o TCLE do responsável, e depois, com a autorização do responsável, enviei ao estudante o formulário 2 (Anexo II) com o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) em conjunto com as questões de investigação. Ambos os termos e questionário foram construídos na plataforma Google Forms e foi realizado um pré-teste do questionário com dois jovens com idade de 14 e 15 anos para avaliar a sua aplicabilidade e realizar os seus devidos ajustes.

Devido ao baixo retorno, apenas quatro estudantes, no grupo de WhatsApp, planejei outra estratégia de aproximação na qual o grupo foi deixado de lado e enviei mensagens individuais através do contato pessoal do pesquisador para cada estudante e/ou responsável que compunha o grupo de WhatsApp do 9º ano da EMOFJ, exceto professoras(es) e coordenadoras. Nesse contato, mantive o mesmo padrão aos estudantes interessados em participar: primeiro se solicitava o contato do responsável para autorizar a participação preenchendo o formulário 1 e depois se enviava aos estudantes o formulário 2 onde aceitava ou não a participação por meio do TALE e respondia o questionário.

¹⁰ Reconhecimento, pois alguns dos estudantes participaram do meu processo de estágio na escola e conhecimento, pois outros estudantes e responsáveis estavam me conhecendo pela primeira vez.

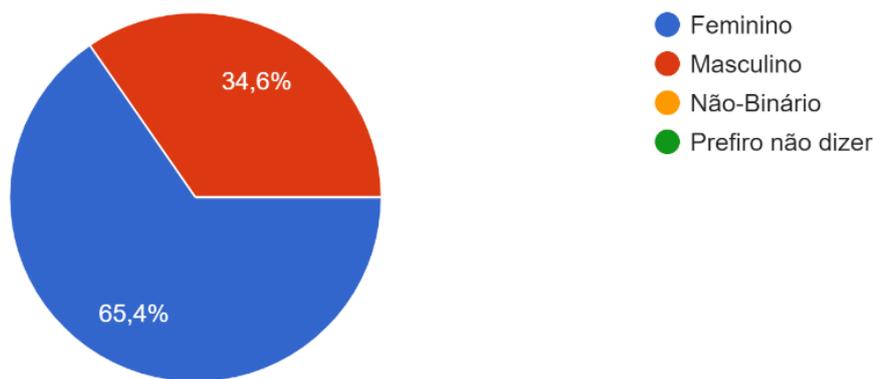
Ressalto que, em todos os momentos e intervenções, a participação na pesquisa se daria de forma voluntária e sempre se reafirmava a disponibilidade para responder questões e dúvidas, dos responsáveis e dos estudantes, sobre a pesquisa.

Neste cenário, é importante destacar a extrema importância da mediação das professoras Cristiane, Gyna e Tânia em contactar os estudantes, em motivá-los a participar e em me auxiliar com dúvidas e questões que emergiram ao longo do processo de contato com os estudantes e responsáveis. Além disso, é importante ressaltar que a pesquisa só se fez possível devido a confiança ética profissional estabelecida com essas professoras citadas acima (presentes no primeiro encontro) e a instituição. Sem a confiança delas e da instituição no processo, principalmente de contato individualizado, poderia ter sido mais complexo, longo e dificultoso o acesso aos contatos dos estudantes, dar prosseguimento na pesquisa e conseguir um maior número de estudantes participantes. Com isso não afirmo que o acesso ao contato dos estudantes deva ser facilitado pela escola, principalmente neste momento de educação e pesquisa à distância, mas que o fato da pesquisa estar registrada no CEP e ter um contato prévio e presencial (em outro contexto) com a gestão ajudou no processo de investigação.

Com essas aproximações e estratégias, finalizei o período de um mês para o envio de respostas ao formulário 1 e 2. Recebi de 110 estudantes, um total 33 respostas no formulário 1 e 28 respostas no formulário 2. Removendo as respostas repetidas obtive um total de 26 estudantes participantes da pesquisa, com autorização do responsável e aceite na pesquisa. Dos demais estudantes, 2 se recusaram participar, 2 o responsável não autorizou a participação e 2 obtiveram autorização do responsável, mas não responderam o formulário 2.

Dos 26 estudantes que integram a pesquisa, 65,4% (17) se identificam com o gênero feminino e 34,6% (9) se identificam com o gênero masculino, demonstrado no gráfico 1, quando perguntados sobre a sua identificação de gênero com as opções “feminino”, “masculino”, “não-binário” e “prefiro não dizer”.

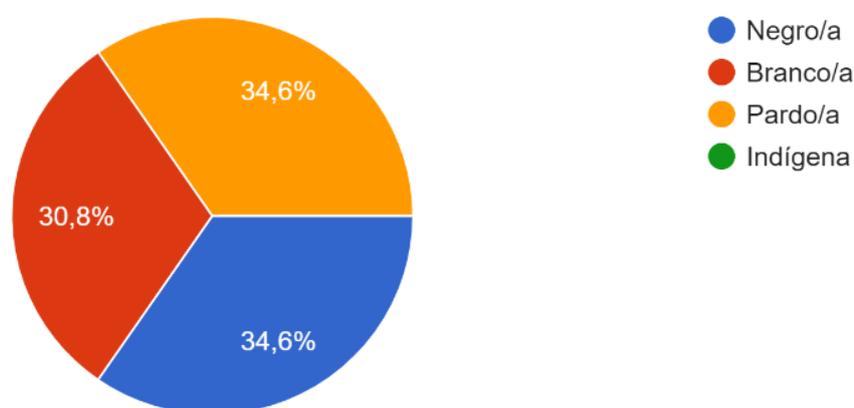
Gráfico 1 Identificação de gênero dos participantes da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria.

Sobre a etnia, representada no gráfico 2, 34,6% (9) dos participantes se identificam como negras(os), 34,6% (9) se identificam como pardas(os) e 30,8% (8) se identificam como brancas(os), sendo as opções “negra(o)”, “parda(o)”, “branca(o)”, “indígena” e “outro”. Os estudantes possuem idade entre 14 e 16 anos.

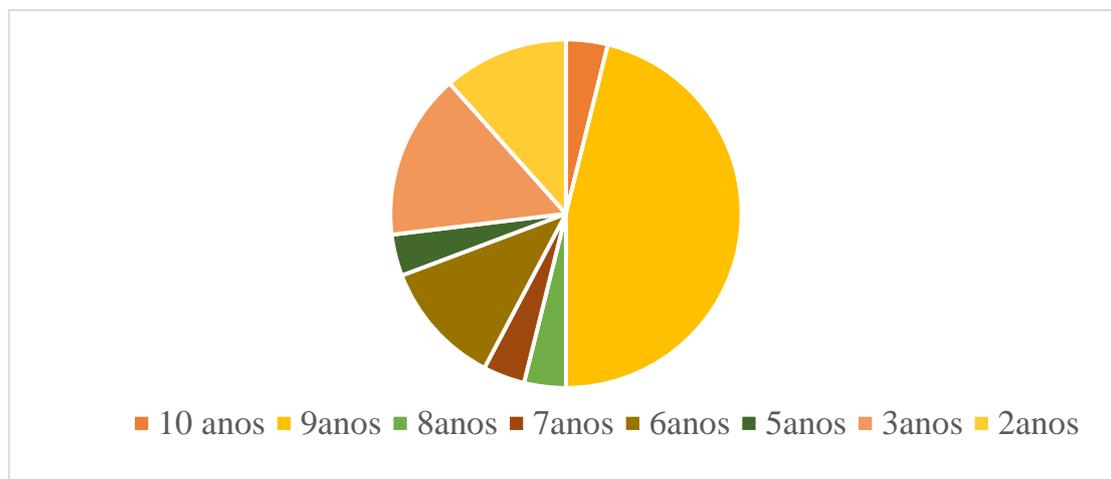
Gráfico 2 Identificação étnica dos participantes da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria.

Sobre o tempo que estes estudantes estudaram nesta escola, representado no gráfico 3, se tem uma média de 6,7 anos onde 3,8% (1) estudou durante 10 anos, 46,2% (12) estudou durante 9 anos, 3,8% (1) estudou durante 8 anos, 3,8% (1) estudou durante 7 anos, 11,5% (3) estudou durante 6 anos, 3,8% (1) estudou durante 5 anos, 15,4% (4) estudou durante 3 anos e 11,5% (3) estudou durante 2 anos.

Gráfico 3 Tempo em que os estudantes participantes da pesquisa estudaram na escola (EMOFJ)



Fonte: Elaboração própria.

Finalizado o período de recebimento das respostas nos formulários, construí os critérios de análise e analisei os conteúdos presentes nas respostas do questionário dos estudantes. A partir dessas respostas e análises, tracei questões para estruturação do roteiro para as entrevistas/roda de conversa. Para participação na entrevista/roda de conversa os estudantes interessados indicaram o interesse ou não em participar dessa etapa. A seleção dos estudantes se deu de forma aleatória onde novamente utilizei o grupo de WhatsApp “Pesquisa: Recreio EMOFJ” para adicionar os 26 estudantes que participaram da primeira etapa. Ali naquele ambiente, informei como seria realizado a roda de conversa e os estudantes interessados preencheram uma lista se disponibilizando a participar da videoconferência ou saiam do grupo se não se sentissem confortáveis.

Destes 26 estudantes inseridos no grupo, 7 se disponibilizaram em participar. Dos 7, seis indicaram interesse em participar da roda de conversa e 1 estudante se disponibilizou a participar por meio de uma entrevista individual, pois não se sentia à vontade em falar com outros estudantes na mesma sala. Sendo assim, preparei o roteiro de entrevista baseado em questões que emergiram a partir do questionário e agendei a entrevista com o estudante na sexta-feira, 22 de janeiro de 2021, para que pudesse testar o roteiro de entrevista.

Agendei para segunda-feira, 25 de janeiro de 2021, a roda de conversa. Contudo, devido a disponibilidade e imprevistos apenas 1 estudante compareceu a roda de conversa e resolvi realizar uma entrevista individual com ele, pois se estava apertando o prazo para finalização do TCC e estava difícil definir uma data adequada para todos.

Com esse imprevisto, tomei a decisão de não realizar a roda de conversa, e convidar os estudantes para participação de entrevistas semiestruturadas. No fim, participaram da segunda etapa da pesquisa, de entrevista, apenas 3 estudantes.

Assim, o estudo a ser apresentado e discutido a seguir se baseou na triangulação das informações do questionário, do diário de campo, dos estudos bibliográficos e das entrevistas sobre o tema vislumbrando um aprofundamento da compreensão da realidade dessa escola sobre o recreio através da percepção das juventudes. As entrevistas semiestruturadas não foram utilizadas a fundo, como estava planejado, pois devido ao tempo de entrega da monografia e dificuldades no processo, defini por debruçar mais sobre os dados do questionário e utilizar as entrevistas em futuros estudos sobre o tema da pesquisa.

5- A EMOFJ E A ORGANIZAÇÃO DO RECREIO

Como apresentado, a EMOFJ é uma escola pública municipal de Belo Horizonte. Seu período matutino ocorre entre 7h e 11h20min e o recreio é um intervalo das atividades, entre 9h e 9h20min. Sendo assim, compreendendo que cada escola possui uma autonomia administrativa e que essa autonomia reverbera em formas diferentes de organização do recreio, apresentarei a seguir o tempo e os espaço do recreio da EMOFJ e como se dá o seu processo de organização.

Para começar, é importante destacar que a arquitetura dessa escola é enxuta e essa característica é refletida, por exemplo, nas salas de aula com espaços pequenos e em formato retangular. Com esse formato, a largura das salas, em sua maioria, são maiores do que sua profundidade, fazendo com que o “fundão” (estudante mais distante do/a professor/a) esteja a três carteiras de distância do(a) professor(a).

Com essa arquitetura, os espaços acessíveis para uso no recreio eram ainda mais reduzidos fazendo com que as 600 crianças e adolescentes, de 5º ao 9º ano, acessassem apenas alguns espaços do primeiro andar da escola, dentre eles a cantina, o pátio em frente a cantina, o pátio de entrada próximo a portaria principal, as mesas de ardósia, o palco, a quadra e o pátio atrás da quadra próximo a sala do projeto integrada. O segundo andar da escola e alguns espaços do primeiro andar não se apresentavam acessíveis no momento do recreio. Assim, os estudantes não podiam acessar as salas de aula, a biblioteca, a sala de informática e os corredores no segundo andar e não possuíam acesso às salas de aula,

ao jardim, ao estacionamento, à sala das(os) professoras(es) e a um espaço entre o portão secundário de entrada na escola e o pátio em frente a cantina¹¹, no primeiro andar. Segundo afirmações da gestão da escola, o não acesso é justificado devido a “problemas” com namoros, a falta de pessoas para acompanhar o recreio, para diminuir a possibilidade de roubos nas salas de aula e para aumentar a segurança dos estudantes.

Quando se observa a relação entre recreio e materiais disponíveis, nesse tempo a escola disponibiliza aos estudantes apenas uma bola de futebol e uma bola de vôlei.

Nessa realidade não era possível identificar uma proposta pedagógica de intervenção e organização do recreio, ou seja, os estudantes se encontravam livres para fazer o que quisessem dentro dos espaços, materiais e regras da instituição. Assim, todas(os) as(os) professoras(es) se direcionavam para a sala das(os) professoras(es) onde descansavam, lanchavam e conversavam sobre temas diversos. Fora da sala das(os) professoras(es), encontravam-se todos os estudantes do turno distribuídos pelos espaços disponíveis e duas professoras/coordenadoras fixas que mediavam os conflitos do recreio.

Nesse contexto, mesmo com o espaço delimitado e pouca materialidade, emergiam uma diversidade de práticas corporais e de lazer realizadas pelos estudantes. As crianças e os adolescentes levavam caixas de som, baralhos, notebook, celulares e outras materialidades para serem utilizadas no recreio e era possível identificar práticas como o jogo de baralho, dentre eles o truco e o uno, nas mesas de ardósia, o futebol, predominantemente masculino, na quadra, as coreografias de Funk no pátio atrás da quadra, diferentes práticas digitais nos celulares e notebook, os diferentes grupos de conversas e risadas, as andanças por todo o espaço e as diferentes brincadeiras, como o pegador e polícia e ladrão, que permeava todo o espaço de recreio.

Em alguns momentos excepcionais, outras possibilidades emergiam no recreio dentre elas a presença de um DJ que colocava algumas músicas no recreio, como aconteceu no dia da abertura da Liga Oswaldo França Júnior de Futebol e a presença de um representante da “Cremacs”¹² que apresentava o projeto “Separa seu lixo pra mim”

¹¹ Interessante que esse era um local bem escondido em relação aos demais e havia um portão de grade que impedia o acesso. Acredito que essa inacessibilidade esteja relacionada com a possibilidade de ocorrência de namoros nesse espaço. Contudo, era um espaço que tinha potencial para realização de diversas práticas de interesses dos estudantes.

¹²O Comitê de Registro Experimentação Multiplicação de Atividades Artísticas Ambientais Culturais Sociais é um coletivo de voluntários que desenvolve projetos baseados na

que incentivava os jovens a trazerem os materiais recicláveis de casa. Esse representante também disponibilizava o acesso a uma rede de Wifi para os estudantes. Retirando esses casos excepcionais, o recreio mantinha o mesmo formato descrito acima.

Importante destacar nessa distribuição pelos espaços disponíveis, que o pátio de entrada próximo a portaria era um espaço ocupado predominantemente pelos estudantes com deficiência e seus respectivos auxiliares de inclusão. Ali naquele espaço conversavam, riam e tomavam um banho de sol nos bancos de cimento presente nesse espaço.

Em outra perspectiva era possível identificar, em momentos pontuais, a presença de Policiais Municipais no interior da escola. Segundo a gestão, estes policiais estavam na escola com o objetivo de preservar o patrimônio público. Contudo, no momento do recreio atuavam como agentes reguladores em dois aspectos: primeiro, intervinham em “atitudes indesejadas” dos estudantes da forma que achavam mais apropriada e sem a presença de algum educador da escola, na grande maioria das vezes, se não todas; e segundo, regulavam o momento de término do recreio. Dessa forma, assim que tocava o sinal institucional, eles sinalizavam com o apito dentro da quadra, solicitavam que os estudantes saíssem e recolhiam o material emprestado pela escola. Inclusive, esses policiais possuíam uma sala específica onde podiam guardar as suas coisas no momento em que estivessem na escola. A presença deles sempre me incomodava, pois era uma atuação sem objetivos explícitos, mas a escola não intervinha nessa situação.

5.1 Sentidos atribuídos ao recreio pelos jovens

Como apresentado anteriormente, o recreio pode ser conceituado como tempo e espaço de lazer externo dos horários de aula onde se apresenta o divertimento, a recreação e a brincadeira (PEREIRA, 2003; SILVA, 2012; FANTONI; SANFELICE, 2018; ANDRADE, 2020). Sendo assim, estas autoras(es) apresentam este conceito de recreio baseado em suas observações e análises da escola e o recreio. Contudo, qual a percepção dos jovens sobre o recreio? Como os jovens compreendem o recreio? A seguir apresento

“coleta Seletiva residencial que unicamente se baseia no processo de coleta, triagem, comercialização dos materiais e logo após esse processo o coletivo oferece e m contra partida: oficinas, palestras sobre coleta seletiva e meio ambiente”. Disponível em <<https://cremacs1.wixsite.com/cremacs/quem-somos>> Acessado em 15 fev. 2021.

os sentidos atribuídos ao recreio pelos jovens da EMOFJ, a partir das respostas no questionário online, das observações do diário de campo e das entrevistas.

Quando pergunto aos estudantes o que é o recreio, foi possível identificar as seguintes compreensões: o recreio como momento de descanso e relaxamento; como momento apropriado para as necessidades biológicas; como tempo livre e de lazer; como momento de socialização; como momento de divertimento e zoação; como perda de tempo; recreio para se preparar para a aula; e recreio como momento de se fazer o que está disponível.

A partir dessas compreensões, é importante ressaltar a predominância do entendimento do recreio como momento de descanso e relaxamento. Fica evidente que o recreio é visto para esses jovens como um período de alívio das atividades de sala de aula, onde, segundo eles: podem “descansar a mente”, “distrair” e “tranquilizar”. Ao descansar e relaxar, para um desses estudantes o recreio também é compreendido como uma pausa para se preparar para as aulas dos próximos horários em busca de reduzir a tensão e manter o interesse nas aulas. Sendo assim, como indicam no questionário, alguns estudantes investem em ocupar espaços tranquilos e confortáveis para se acomodar e descansar.

Em segundo lugar de evidências no questionário, o recreio é compreendido como um momento apropriado para as necessidades fisiológicas onde é possível ir ao banheiro, beber água e principalmente lanchar. Interessante que o ato de lanchar é reforçado, pelos estudantes, como a melhor coisa sobre o recreio, como um problema do recreio e como algo a se modificar no recreio. O destaque dado a alimentação nos remeteu às observações e vivências ao longo do RP que me atentaram para outras questões explicitadas como um problema e algo a se modificar no recreio.

Estes apontamentos me recordam que como estagiário da escola eu e meus colegas de estágio frequentamos a cantina no momento do recreio. Naquele espaço duas coisas chamavam a atenção: primeiro, como o cardápio da escola variava diariamente e essas variações tornavam o lanche mais ou menos atrativo para os estudantes. Foi possível observar combinações como biscoito água e sal com leite, bolo com vitamina, mingau de chocolate, pão com manteiga, frutas e o amado pão com ovo. Segundo, era perceptível o estranhamento dos estudantes sobre a nossa presença na cantina. Em vários momentos os estudantes nos questionavam o motivo de lancharmos na cantina em conjunto com eles e não na sala das(os) professoras(es), pois segundo eles: o lanche das professoras(es) eram melhores do que o lanche da cantina.

É fato que em alguns momentos a sala dos professores recebiam confraternizações e conseqüentemente lanches diferentes, como salgadinho e refrigerantes, mas retirando esses contextos excepcionais o lanche oferecido aos professores pela escola era sempre o mesmo oferecido na cantina, mas o lanche era encaminhado até a sala dos professores e sempre havia café disponível, ou seja, as(os) professoras(es) não frequentavam o espaço da cantina para lanche com os estudantes.

Essas relações sobre o lanche, me levam a pensar que para os estudantes a qualidade e a atratividade do lanche é importante para se compreender a atividade de lanche como a melhor coisa ou como um problema a ser modificado no recreio. Isso é tão latente que uma das respostas dos estudantes foi a de que “enquanto comem água e sal os professores comem torta”. Essa resposta indica uma relação entre qualidade do lanche de acordo com o espaço ocupado e com a sua posição hierárquica na escola. Assim, se você é professor e está na sala dos professores o lanche é melhor do que se você é estudante e ocupa o espaço da cantina.

Por outro lado, pensando no orçamento disponível por estudante e no balanceamento nutricional das refeições, a escola não consegue abarcar os desejos e gostos de todos os estudantes. Contudo, é importante dizer que a seleção do lanche é um elemento pontuado nos sentidos atribuídos ao recreio pelos estudantes e que está pauta pode fazer parte de um sistema participativo e democrática dos jovens nas decisões da escola sobre seu funcionamento diário.

Avançando nas compreensões sobre o recreio, identifico o terceiro mais recorrente sentido e significado atribuído ao recreio: a identificação do recreio como um tempo livre de lazer. Nesse apontamento, os estudantes reforçam que o recreio é um momento onde estão livres, podem ficar vinte minutos fora da sala e da quadra e podem fazer o que está disponível. Além disso, é interessante que esse tempo livre é reforçado pelos estudantes como um problema e uma modificação necessária. Problema, pois é um período com duração muito curta e necessita modificação, pois o tempo de recreio deve ser aumentado. Mas porque o tempo de recreio necessita ser aumentado?

Segundo o parecer da CNE/CEB de 2003 existe um indicativo de que o recreio tenha uma duração equivalente a 1/6 da carga horária das atividades realizadas até o momento do recreio, sendo assim “10 minutos [de recreio] para 60 [minutos de atividades em sala], ou 20 para 120, ou 30 para 180 minutos” (*s/p*). Por esta indicação o recreio da EMOFJ está seguindo corretamente a indicação. Contudo, como aponta a entrevistada A:

O recreio é um tempo muito pequeno são só 20 minutos então é tipo, é o tempo de você ir no banheiro, beber água, conversar um pouco com seus amigos que não tá na sala. Assim, em tese, né, mas no recreio não da pra tipo fazer várias coisas, várias atividades em si. (Entrevistada A)

Essa afirmação, corrobora com o estudo de Fernandes (2015) em que os estudantes indicam que “o tempo [...] não é suficiente. Comer, brincar e ir ao banheiro em quinze minutos torna-se uma tarefa difícil, que exige várias estratégias para a sua realização” (p.102). Nessa direção os estudantes desta pesquisa e do estudo de Fernandes (2015) sugerem que o recreio precisa de ter seu tempo aumentado, pois é o momento escolar com menor rigidez onde podem estar nos locais e com as práticas que escolheram, dentro das permissões da escola, e pelo fato do ócio e o descanso também serem atraentes para os estudantes.

Além disso, a partir das respostas dos estudantes, compreendo que a necessidade de aumento do tempo de intervalo dialoga com sentido e significado de socialização atribuído ao tempo/espço do recreio. Essa interpretação fica evidente quando os estudantes indicam que a socialização é uma das melhores coisas do recreio e que com isso podem conversar, andar e jogar, por exemplo, com as pessoas que gostam e possuem afinidade.

Importante ressaltar que, corroborando com Fernandes (2015) não basta aumentar o tempo de recreio sem consolidar propostas pedagógicas coerentes com a visão de mundo e o projeto político pedagógico da escola. Se faz necessário “promover, a partir do diálogo, as percepções de mundo e escola de todos que participam de tal espaço” (p.103).

Retomando o quarto sentido atribuído ao recreio, se identifica a compreensão de recreio como momento de socialização. É possível identificar a percepção dos estudantes de socializar a partir de duas formas: no primeiro o socializar se apresenta por meio das conversas e amizades onde os estudantes reforçam essa compreensão a partir do entendimento de que a melhor coisa do recreio é que podem passar um tempo com os amigos, conversar, brincar e fazer piada. Em outra perspectiva, essa socialização vai ao encontro do entendimento de que o recreio é um momento de diversão e zoação¹³. Estes

¹³ Entendemos aqui a Zoação baseado em Nogueira (2006), em sua tese intitulada “Identidade Juvenil e Identidade discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural”, onde a zoação é conceitua como parte da identidade subjetiva do estudante que se apresenta na interação de sociação entre jovens e professores demarcada, por exemplo, pela brincadeira que se realiza em sala de aula como forma de quebrar o clima.

significados do recreio como momento de socialização se fazem tão importantes que, como aponta uma estudante, a falta dela pode se tornar um problema para o recreio.

Por fim, mas não menos importante, existe um estudante que compreende o recreio como uma perda de tempo. Ao encontro dessa afirmação existem estudantes que apontam a organização do recreio como um problema, indicam a necessidade de diminuir o tempo de recreio e não veem “praticamente nada” como melhor coisa do recreio. Esses indícios nos levam a refletir dois pontos sobre essa resposta: a primeira de que realmente este estudante não vê sentido no recreio, no ócio, no descanso e no lazer por não serem momentos de produtividade na escola, seguindo um entendimento de que produzir é o mais importante; e segundo que pelo fato de ser um questionário o estudante respondeu de qualquer maneira para finalizar o questionário.

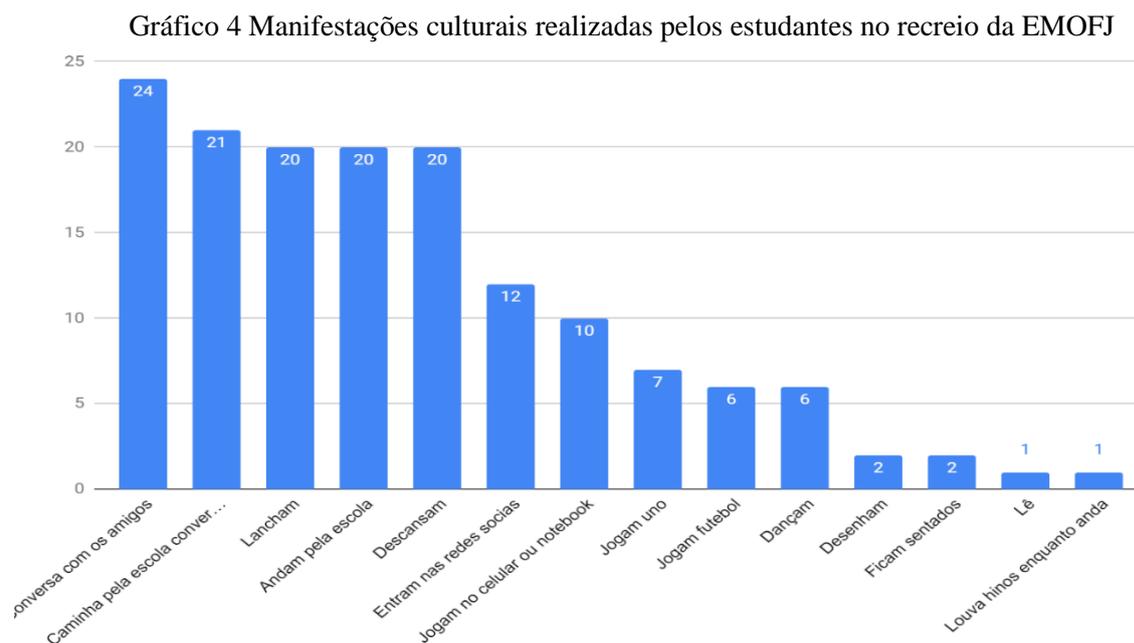
Não chegando a uma conclusão, por necessitar de mais dados, fica evidente que os sentidos atribuídos ao recreio passam pelas subjetividades dos jovens e reforça as seguintes questões: o recreio está sendo um tempo e espaço democrático para todos e todas os/as estudantes? O que mais os/as estudantes necessitam e desejam? Será que a escola tem discutido o lazer como um direito social com esses estudantes?

5.2 O recreio e as manifestações culturais

Estudos como o de Malta (2015) e Silveira (2019) indicam uma diversidade de manifestações culturais no momento do recreio que passam por práticas digitais, andanças, conversas, campeonatos, grupos religiosos e jogos com cartas. A partir dessas constatações, indago as seguintes questões: o que esses jovens realizam no momento do recreio da EMOFJ? Quais as suas necessidades e desejos sobre essas práticas? Quais são as práticas corporais e de lazer realizadas e não realizadas pelos estudantes no recreio? Sendo assim, a partir das respostas nos questionários e em observações do caderno de campo e as entrevistas, apresentarei as relações encontradas entre o recreio e as práticas corporais e de lazer.

Para aprofundar nessa temática, solicitei aos estudantes que indicassem as principais práticas que realizavam no recreio, a partir de uma listagem que propus e pela possibilidade de adicionar outras. Como resposta, obtive o seguinte quadro de práticas: 92,3% (24) estudantes conversam com os amigos; 80,8% (21) caminham pela escola conversando; 76,9% (20) lancham; 76,6% (20) andam pela escola; 76,9% (20) descansam; 46,2% (12) entram nas redes sociais; 38,5% (10) jogam no celular ou

notebook; 26,9% (7) jogam uno; 23,1% (6) jogam futebol; 23,1% (6) dançam; 7,6% (2) desenham; 7,6% (2) ficam sentados; 3,8% (1) lê; e 3,8% (1) louva hinos enquanto anda. Nesse sentido, 80,8% (21) dos estudantes se sentem livres para realizar as atividades que quiserem no recreio, mas 19,2% (5) não se sentem livres para realizar a atividade que quiserem no recreio e por fim, 92,3% (24) se sentem bem com as atividades que realizam no recreio.



Fonte: Elaboração própria.

É possível identificar atividades de relaxamento como descansar e ficar sentado; atividades de conversação social por meio do conversar com os amigos, andar pela escola conversando e entrar nas redes sociais; atividades de jogo como o uno e os jogos no celular; e atividades aeróbicas como a dança e o futebol. Nessa perspectiva, é possível identificar que os estudantes realizam atividades predominantemente situadas em práticas desvinculadas de objetividades, produtividades ou resultados. Nos estudos do lazer, se pode denominar estas práticas como uma forma de lazer casual. Oliveira e Doll (2014) baseados em Robert A. Stebbins, destacam que a perspectiva do lazer sério engloba três formas de expressão do lazer: o lazer sério, o lazer casual e o lazer baseado em projeto. O lazer casual é conceituado como “uma atividade imediata, de valor intrínseco, com satisfação relativamente curta, que requer pouca ou nenhuma habilidade especial para ser aproveitada”(p.11) em que se inserem atividades como “jogo, relaxamento,

entretenimento passivo, entretenimento ativo, conversação social, estimulação sensorial, voluntariado casual e atividades aeróbicas (p.11).

Em outra perspectiva, a partir dos dados, é possível identificar uma correlação entre os sentidos atribuídos ao recreio em consonância com as práticas realizadas. Nesse sentido, a socialização se apresenta como a principal significado atribuído ao recreio, pois a prática de conversar com os amigos se repetiu em 24 dos 26 participantes da pesquisa.

Do mesmo modo, a partir da compreensão do recreio como tempo livre de lazer fora da sala de aula, outras práticas emergem como possibilidade de realização. Dentre as práticas citadas se tem as práticas digitais por meio dos jogos e redes sociais, a dança e a música, o jogo de baralho uno, o desenho e a possibilidade de louvar hinos.

Ressalto também, a partir dos dados, que a compreensão do recreio como momento de descanso é reforçada através da prática de descansar, o que indica importância dada aos estudantes ao ócio no momento do recreio. E a compreensão do recreio como momento para as necessidades biológicas são reforçadas por meio da atividade de lanchar no momento do recreio. Essa aparição reafirma a importância do atendimento às necessidades biológicas básicas no recreio.

Outro fato interessante que os dados sugerem é o de que após as práticas de socialização e descanso as práticas mais recorrentes no recreio são as práticas digitais em que 46,2% dos jovens entram nas redes sociais e 38,5% jogam em celulares ou notebooks. Essa recorrência é reforçada quando os jovens reivindicam o uso do Wifi no recreio. Mas quais são as necessidades/desejos dos jovens sobre as práticas digitais?

Em resposta a essa questão, os estudantes entrevistados indicam que a tecnologia e as práticas digitais são algo indispensável para as juventudes atuais na escola e no tempo/espço de recreio. Sendo assim, sugerem que

Eu acho legal usar a tecnologia, sabe? Ainda mais na escola, porque apensar do avanço que ta tendo que tem tipo com a tecnologia seria bem legal colocar a tecnologia no geral, né, na escola sabe? Porque isso ajudaria bastante, ainda mais que tem gente que consegue aprender bem melhor com a tecnologia do que com tipo só aprendendo do jeito assim (Estudante A).

A maioria dos adolescentes tenta estar com o celular e alguns não tem é bom os que não tem conseguem jogar alguma coisa com os que tem. Daí muito bom para todo mundo jogar junto, tal... Ah, sei lá sei, sabe? A escola emprestar alguns eletrônicos para poder jogar alguma coisa com os amigos (Estudante B).

Ah, é a informática sim. Porque a gente pode ficar mexendo no computador. Jogando (Estudante C).

Com esses relatos, é importante questionar: qual é o nível do letramento digital desses jovens ao utilizar as mídias digitais? É importante ressaltar essa questão, pois na atualidade, como indica Silveira e Fortes (2019) os jovens não são nativos digitais e é importante construir propostas de reflexão na escola sobre o uso das mídias digitais e o contexto sociocultural que aflige essas práticas.

Na sequência, a partir da nossa compreensão de que o recreio é um tempo/espço de lazer na escola, perguntei aos estudantes se existiam práticas que não conseguiam realizar no tempo de intervalo. A maioria dos estudantes 73,1% (19) indicaram que conseguiam realizar as práticas que desejavam no recreio. Contudo, uma minoria de estudantes, 26,9% (7), indicaram que existiam práticas que eram impedidos de realizar. Dentre as práticas citadas, os sete estudantes indicaram a necessidade/desejo de se diversificar as práticas corporais e de lazer através de possibilidades para se ouvir música, dançar, jogar vôlei, jogar basquete, jogar peteca, jogar totó, jogar queimada e de ler no momento do recreio.

Nesse sentido, é interessante que os estudantes indicam que se sentem bem nos espaços que ocupam no recreio devido às práticas que são desenvolvidas, pois segundo eles: “a movimentação anima a gente” e por animar uma das melhores coisas apontadas para o momento do recreio são justamente as práticas permitidas fora da sala de aula, como o uso dos celulares, a dança, as brincadeiras e o futebol.

Assim, como essas práticas animam os estudantes relatam as seguintes necessidades de modificação no recreio: a promoção de mais música e DJ, a necessidade de ter mais Futebol e o desejo de se fazer um culto e colocar hinos (música gospel) para tocar no recreio. Em resumo, segundo um dos estudantes, deveria modificar o recreio de forma a “colocar coisas para interagir os alunos, mas não obrigados a fazer e sim para terem algo mais”.

O estudante diz “coisas” aponto para a importância da construção de possibilidades que permitam emergir novas práticas corporais e de lazer no recreio como as experiências de Silveira, Rafael e Rocha (2020) e o projeto “Anjos do Recreio” (ANDRADE, 2020) em que os professores se encontram como mediadores das tensões e organizações do recreio e valorizam a autonomia dos estudantes.

Esses apontamentos sobre as práticas que gostariam de realizar, o fato de as práticas animarem e a necessidade de modificação do recreio por meio da ampliação de possibilidades de práticas, compreendo que esses achados vão ao encontro da percepção do parecer CEB/CEN02 de 2003 onde se entende que “as atividades livres ou dirigidas,

durante o período de recreio, possuem um enorme potencial educativo e devem ser consideradas pela escola na elaboração da sua Proposta Pedagógica” (BRASIL, 2003, p.2).

Outro ponto importante se destacar do questionário são algumas práticas que apareceram não pela sua predominância, mas pela sua minoria nas respostas sobre as atividades que realizam no recreio, são elas: a dança/música, a religião, o desenho e a leitura.

A dança e a música se destacam, porque quando se observava o recreio e em anotações no diário de campo, uma das práticas que mais chamavam a atenção, por eu ser dançarino, eram os pequenos grupos de passinho de BH¹⁴ (Funk) que se organizavam para dançar com suas caixinhas de som. Esses pequenos grupos além de dançar também investiam em ensinar a qualquer pessoa interessada a coreografia dançada por elas/eles. Além desses grupos, em alguns momentos excepcionais, como a abertura do evento Liga Oswaldo França Júnior de Futebol, existia a presença de um DJ¹⁵ que ao colocar músicas no recreio fazia com que quase todos os estudantes se aglomerassem perto das caixas para dançar e cantar, bem similar a eventos em shows, bailes funks e casas de show.

Estas observações e as repetidas indicações da importância da música e da dança no questionário nos levam ao indício, indicado por um estudante, de que um dos problemas do recreio é o fato da escola atrapalhar que realizem o passinho de BH. Nessa tensão entre desejo, necessidade do estudante e o que é permitido pela escola, a questão principal se dá em quais músicas e danças a escola permitem estar no recreio? Qualquer manifestação dançante pode se apresentar na escola?

Outras práticas que nos fizeram refletir a partir da sua aparição no questionário, por uma pequena parcela de estudantes, foram a religião, apontada através do desejo de se realizar cultos e colocar hinos no recreio, do desenho e da leitura. Interessante e peculiar a aparição dessas práticas, porque elas nunca saltaram aos olhos nas observações do recreio ao longo do período de estadia na escola. Sendo assim, compreendendo que os sujeitos presentes na escola são diversos e os interesses sobre o tempo e espaço de recreio também são diversos de acordo com as vivências e experiências de vida e de lazer individuais.

¹⁴ Passinho de BH é um estilo de dança em que se constrói coreografias sobre músicas de funk.

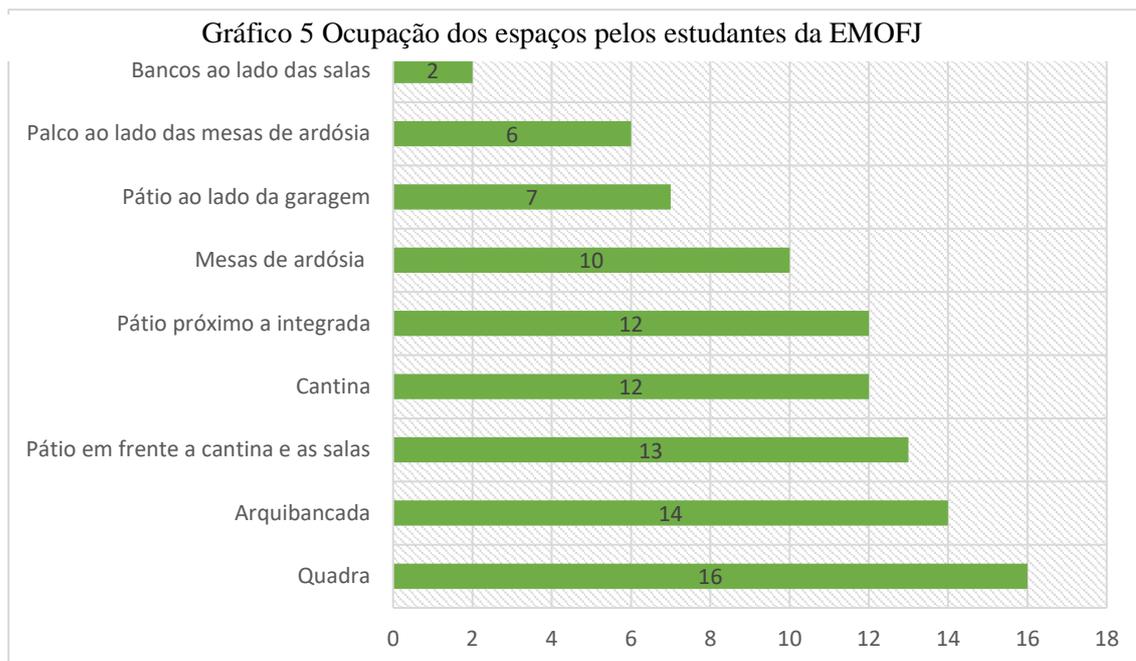
¹⁵ O DJ era um monitor do projeto Escola Integrada que possui equipamento de som e sempre que possível auxiliava a escola com o seu equipamento em eventos como a festa junina, a Liga Oswaldo França Júnior de Futebol e entre outros.

Por fim, a partir do questionário, fica evidente a intrínseca relação entre as manifestações culturais que os estudantes realizam ou gostariam de realizar no recreio e sua relação com os conteúdos da Educação Física. Essa evidência nos faz refletir sobre a potência que os diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento têm a oferecer para as juventudes e como estes conhecimentos ao serem vivenciados e experimentados na escola podem reverberar na sua apropriação pelos estudantes em seu tempo de lazer dentro e fora dos muros da escola. Além disso, essa relação reforça a intrínseca aproximação entre a Educação Física e o lazer na escola como possibilidade de formação dos estudantes para e pelo lazer e como possibilidade de reforçar a compreensão do lazer como direito social.

5.3 Espaços ocupados pelas juventudes no recreio

Observando a EMOFJ e seus tempos e espaços de recreio, se percebe que alguns espaços como as salas de aula do primeiro andar, o jardim e todo o espaço do segundo andar, onde se encontra a biblioteca, o auditório/sala de vídeo, outras salas de aulas e corredores são isolados no recreio em que os estudantes são impedidos de utilizarem. A partir desta observação e do conceito de que o recreio são os tempo e espaço disponíveis, busco compreender quais são as percepções dos jovens sobre os espaços permitidos para uso no recreio e quais as suas reivindicações.

A partir das questões sobre os espaços escolares, solicitei aos estudantes que informassem os principais espaços que ocupavam no recreio. Em suas respostas obtive os seguintes dados: 61,5% (16) ocupam a quadra; 53,8% (14) ocupam a arquibancada; 50% (13) ocupam a pátio entre a cantina e as salas do primeiro andar; 46,2% (12) a cantina; 46,2% (12) o pátio atrás da quadra, próximo a sala da escola integrada; 38,5% (10) as mesas de ardósia; 26,9% (7) o pátio de entrada ao lado da garagem; 23,1% (6) o palco ao lado das mesas de ardósia; e 7,6% (2) os bancos ao lado da sala.



Fonte: Elaboração própria.

Quando perguntados se sentem a necessidade ou o desejo de ocupar outros espaços da escola, que não estão disponíveis durante o recreio, 65,4% (17) responderam que não e 34,6% (9) responderam que sim. Dos nove estudantes que responderam sim para a necessidade de ocupar outros espaços, indicaram o desejo de ocupar a biblioteca, o estacionamento, a sala de aula, a sala de vídeo (auditório) e a sala de informática.

Aqui, ao relacionar a necessidade e o desejo de acessar espaços não permitidos, os estudantes indicam que os lugares não permitidos para acesso no recreio são um item a se modificar no recreio e a biblioteca foi o espaço indicado com mais recorrência no questionário. A biblioteca é indicada como espaço necessário, pois como apontam os estudantes eles desejam/necessitam ter acesso aos livros ali presentes. Para o uso da biblioteca, os estudantes sugerem duas formas de modificação do recreio para se ter acesso a ela: a primeira por meio de “passe livre para alunos confiáveis” e a segunda por meio de um “sistema de fichas para aqueles que querem, gostam e são confiáveis para acessar a biblioteca”. Na mesma direção, também é apresentada a necessidade de se modificar o recreio liberando a sala de informática.

Com essas declarações os jovens indicam a vontade de ampliação dos espaços no momento do recreio. Contudo, a escola restringe esses espaços, como aponta a gestão, devido ao pouco número de profissionais para supervisionar diferentes espaços, para reduzir as chances de roubo, pela segurança dos estudantes e para reduzir as chances de beijos e namoros escondidos. Um estudante informa que o problema do recreio é o roubo dos materiais. Mas, para além disso, o problema parece ser a falta de confiança nos

estudantes, como indicam as duas propostas de acesso à biblioteca onde se reforça a permissão do acesso a pessoas confiáveis e em falas dos estudantes em momentos de observação e entrevistas e na fala de gestores em diferentes momentos da observação.

Assim, a questão central é, como os espaços escolares vão educar os estudantes? Para a autonomia ou para a desconfiança? Visto que essa desconfiança se dá entre estudante-estudante e entre professor-estudantes, como indicado pelos diferentes sujeitos nos diferentes instrumentos, em atividades que os estudantes podem fazer quando não estão sob supervisão como o roubo de objetos pessoais nas salas de aula e a atividade sexual em espaços vazios e longe dos olhos das professoras coordenadoras no momento do recreio.

Além das respostas que reforçam a necessidade e o desejo de ampliar os espaços disponíveis, como apontado pela vontade de se ocupar espaços restritos pela escola, os jovens também indicam que precisam ter acesso a mais espaços “como mais quadras” para se realizar outras práticas como “diferentes esportes”.

Com essa evidência, inicialmente é possível indicar a dificuldade da escola em ampliar a sua estrutura devido ao loteamento, recursos, orçamento e outras burocracias, mas em outra perspectiva é possível refletir sobre a possibilidade de reorganização dos espaços escolares de forma a emergir formas outras de práticas corporais e de lazer no recreio de forma a atingir outros interesses, mas sem ferir as regras de instituição escolar. Ou seja, quais estratégias de uso do pátio, por exemplo, podem ressignificar esse espaço para além das conversas e andanças? E quais propostas podem ressignificar o espaço da quadra para além da prática do futebol e de práticas esportivas?

Como indica o estudante B ao responder se a quadra poderia ser utilizada para outros jogos: “Bom, eu acho que sim porque, bom ela só usada para jogar futebol. Então seria bom jogar também mais ver pessoas jogando outras coisas. Porque normalmente só se vê a mesma coisa né, isso é chato” (Estudante B). O que dá indícios de que é coerente ressignificar os usos dos espaços da escola no recreio.

Fazendo uma análise entre a relação da ocupação do espaço da quadra entre meninos e meninas, Gonçalves e Fraga (2005) apresentam em seu estudo uma maior ocupação do espaço da quadra por meninos do que por meninas. A partir do questionário encontro que, considerando os espaços quadra e arquibancada, dos meninos: 66,6% (5) ocupam a quadra e a arquibancada, 11,1% (1) ocupam apenas a quadra e 22,2% (2) não ocupam a quadra e a arquibancada. Das meninas: 41,17% (7) ocupam a quadra e a arquibancada, 17% (3) ocupam apenas a quadra, 11,7% (2) ocupam apenas a

arquibancada e 29,4% (5) não ocupam a quadra e a arquibancada. A partir da análise desses dados não é possível identificar uma diferença significativa entre a ocupação da quadra e da arquibancada entre meninos e meninas. Contudo, quando se observa o uso da quadra se identifica uma prática predominantemente masculina jogando futebol e dos 6 estudantes que responderam jogar futebol no recreio 4 são meninos e 2 são meninas. Nesse sentido, a questão se faz em como se dá o uso da quadra pelas meninas? Será que as práticas que são realizadas ali atendem às suas necessidades e desejos?

Ao questionar os estudantes nas entrevistas sobre o uso da quadra, ambos reafirmaram que o uso da quadra se dá predominantemente por meninos, como observado. Nessa direção, cada entrevistado se posicionou de uma forma quanto a uma possibilidade de reorganização da quadra: a estudante A indicou a possibilidade de reserva da quadra em um dia da semana para a prática exclusivamente feminina para o futebol; o estudante B indicou a possibilidade de fruição da quadra com outras modalidades físico-esportivas; e a estudante C indicou a reorganização dos jogos de futebol de forma a incluir as meninas na partida de forma que joguem meninas e meninos juntos e sem ignorância. Sendo assim, respondendo as questões levantada acima, essas falas sugerem que a utilização da quadra pode sim ser repensada no momento do recreio de forma a incluir diferentes manifestações culturais de interesse e incluindo os interesses das meninas.

Outro ponto relevante sobre a ocupação do espaço presente no campo dos estudos do lazer é tratar do tema do crescimento desordenado das cidades e conseqüentemente a falta de espaços para o lazer. Andrade (2020) baseada em Rechia (2006), ao falar sobre esse tema, questiona que:

As gestões escolares, ao desconsiderarem esta problemática, muitas vezes dispõem de equipamentos de lazer somente com as quadras poliesportivas ou quadras de cimento limitadas a realização de alguns esportes tradicionais, colocando em segundo plano as preocupações com espaços mais harmoniosos (áreas verdes e/ou pontos de encontro, por exemplo) para vivências lúdicas espontâneas nos momentos livres escolares. (ANDRADE, 2020, p.19)

Nessa direção, identifico que o jardim da escola e um espaço entre o portão secundário e o pátio em frente a cantina são espaços indisponíveis para o recreio. Contudo, os jovens também não indicam estes espaços como possibilidade de fruição do lazer no recreio. Dessa forma, compreendo que pelo fato de a gestão escolar negligenciar

esses espaços como possibilidade ocupação, e arrisco dizer até mesmo como espaço para propostas pedagógicas recorrentes, os jovens também não vislumbram esses locais como possibilidade de ocupação no recreio e como possibilidade de fruição do tempo de intervalo. Mas será mesmo que estes espaços necessitam se manterem como espaços inacessíveis? Por que esses espaços se tornaram invisíveis?

Sobre essas questões, quando questionei os estudantes na entrevista sobre a invisibilidade e o uso do jardim, eles indicam que “Eu acho que não usariam não ou mesmo que liberassem não iam usar. O que que iria fazer em um jardim? Não tem muita coisa para fazer, ele é pequeno e outras coisas. Ah, o pátio é muito maior que ele” (Estudante B). Sendo assim, as pessoas entrevistadas concordam que o jardim é um espaço que realmente não precisa ser liberado pelo seu pequeno espaço, por não saberem o que fazer ali e pela possibilidade de mal uso. Essas informações me levam a pensar que os estudantes não veem sentido na utilização do jardim, mas compreendo que a partir da não negligência desse espaço pela escola, esse poderia ser ressignificado pelos estudantes.

Quando me refiro ao espaço próximo ao portão de entrada e saída dos estudantes, mais uma vez se reforça a não necessidade de utilização daquele espaço pelos estudantes B e C. Contudo, a estudante A indicou que

Lá é o espaço onde até onde eu sabia era onde o pessoal fazia aqueles culto, né. É... acho que é onde eles. Pelo menos quando eu tava lá eles faziam os culto. Não sei se ainda faz. Era meio que um grupinho de gente né. Não era muito, era só um pouco e ae meio que às vezes a escola liberava, às vezes. Eu não sei se liberava assim, mas sei que eles abriam lá e eles faziam o culto deles lá no cantinho. Ai eles falava e participava” (Estudante A).

A partir dessa resposta, dois pontos se fazem importantes: primeiro que realmente a prática religiosa é algo presente na escola e que realmente não foi percebido nas observações e que esse fato reforça o questionamento de quais são as outras manifestações que estão passando despercebidas; segundo, acredito que a escola se mostra aberta para as demandas, quando possíveis, dos estudantes, mas como reafirma os estudantes entrevistados A, B e C os estudantes não se mobilizam para solicitar ou levar demandas para a escola de forma coletiva, quando levam ocorrem por meio de pequenos grupos que não possuem grandes retornos.

Dando sequência a análise dos questionários, quando pergunto aos estudantes se se sentem bem com os espaços que ocupam, 88,5% (23) responderam que sim, se sentem bem e 11,5% (3) responderam que não, não se sentem bem com os espaços ocupados. Ao

serem questionados do por que se sentem ou não bem com os espaços que ocupam, foi possível perceber que os estudantes justificaram que se sentem bem, pois são espaços onde podem ficar à vontade; porque é o espaço disponível e se sentem bem com isso; porque existe tranquilidade e conforto; porque as práticas animam o espaço; e por fim, porque não sabem explicar. Quanto a justificativa para não se sentirem bem no espaço emergiu que isto ocorre pela falta de socialização; porque o espaço da escola é pequeno; porque ocorre bullying e correria; e porque considera a escola uma prisão.

Nessa relação de se sentir bem com os espaços que ocupa no recreio, é interessante ressaltar que os estudantes apontam os espaços fora da sala de aula como as melhores coisas do recreio visto que podem passar um tempo fora dos ambientes de aprendizagem formal (a sala e a quadra) e podem ocupar os espaços com os quais se sentem mais à vontade, tranquilos e confortáveis.

Por outro lado, ao analisar o motivo de não se sentirem bem com os espaços da escola, dois pontos podem ser salientados: a) a falta de socialização; e b) a percepção da escola como prisão.

Ao tratar da socialização, mais uma vez é indicado o quão é fundamental socializar no momento do recreio, mas sobre esse tema é necessário refletir a socialização, pois como afirma Dayrell (2003) os jovens “constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades”(p.42) e essa construção das juventudes se dão a partir da socialização, ou seja, de um “processo educativo inerente a infância e a[s] juventude[s]: [...]configurado, no sentido de um aprendizado comum realizado pelos diferentes grupos etários em face das injunções de um mundo que lhes aparece como fundamentalmente novo” (GOMES; FARIA, 2005, p.37). Neste ponto, confrontando as informações do questionário com a observação cabe ressaltar uma outra perspectiva, a dos jovens com deficiência.

Não consegui atingir na pesquisa jovens com deficiência, devido às limitações da pesquisa à distância. Contudo, ao observar o recreio é possível identificar que o pátio de entrada ao lado da garagem é o local onde, na maioria dos dias, os estudantes com deficiência acompanhados pelo auxiliar de inclusão se direcionavam. Ali, os estudantes com deficiência ficavam com seus auxiliares, brincavam, conversavam e tomavam um banho de sol. Contudo, ao pensar que uma escola inclusiva investe em dar possibilidades de aproximação e socialização entre os diferentes sujeitos, com que qualidade está se desenvolvendo a socialização e a inclusão no recreio destes jovens com deficiência? Indo além, quais são as necessidades e desejos desses jovens com deficiências sobre o recreio?

Infelizmente este estudo não dará conta desta questão, mas em observância ao tema, consideramos de extrema importância este anúncio.

Na percepção de que os estudantes não se sentem bem, pois a escola é como prisão, se reforça que os jovens necessitam e desejam de mais espaço, que a confiança também é importante e que restringir o espaço significa aprisioná-los. Nessa perspectiva, compreendo que a escola como prisão indica uma não identificação com o recreio, um não pertencimento aos espaços escolares, um reforço para o problema de recorrência de roubos, uma referência as aparições de policiais no regimento do recreio e uma possibilidade de compreensão sobre os espaços isolados no recreio, parecido com o banho de sol de prisioneiros.

Pensando nessas relações analiso que existe um não lugar em que o recreio é um tempo e espaço obrigatório e recorrente dos tempos escolares no qual é possível que o estudante não se identifique com a organização atual e com as possibilidades de manifestações culturais e espaços ali presentes. Com esta compreensão, acredito que se faz necessário reconhecer as diversas juventudes presentes na escola e estruturar propostas pedagógicas de intervenção no recreio em que os diferentes jovens se identifiquem, se expressem e se manifestem para que esse não lugar possa ser minimizado.

5.4 O que os jovens dizem sobre o acesso aos materiais no recreio?

Fantoni e Sanfelice (2018), ao abordar o que é o recreio e a sua importância para a infância dizem que “quando nos referimos a brinquedos e a brincadeiras na esfera educacional, é preciso refletir sobre quais *materiais* se oferecem às crianças e até mesmo que tipo de brincadeiras eles proporcionam” (p.177 *grifos nossos*). Assim, dialogando com essa reflexão, como os materiais (in)disponíveis podem influenciar as práticas culturais e de lazer desenvolvidas pelos jovens no momento do recreio? A seguir se investe em apresentar e refletir sobre as relações evidenciadas pelos jovens da EMOFJ sobre o recreio e os materiais disponíveis e indisponíveis, a partir da análise do questionário e das observações do diário de campo.

Quando pergunto aos estudantes se fazem uso de algum material emprestado pela escola, dentre eles uma bola de futsal e uma bola de vôlei, 19 estudantes (73,1%) indicaram que não pegam material emprestado e 7 (26,9%) indicaram que sim, pegam materiais emprestados com a escola. Agora, quando questionados se levam algum

material para uso no recreio da escola, 21 (80,8%) indicaram que sim, levam material para escola e 5 (19,2%) responderam que não, não levam material para uso no recreio. Destes 21 que indicaram levar algum material pra escola, 14 indicaram levar o celular, 7 indicaram levar algum tipo de baralho, 3 indicaram levar caixa de som, 2 indicaram levar algum material para desenho (lápis, papel, caderno e estojo), 2 indicaram levar um livro e 1 indicou levar bola para uso no recreio.

Pergunto aos estudantes se gostariam de ter acesso a uma maior variedade de materiais no recreio. Como resposta 12 estudantes (46,2%) indicam que não gostariam. Já os outros 14 estudantes (53,8%) indicaram que sim, gostariam de ter acesso a uma variedade maior de materiais no recreio. Dentre os materiais citados como itens que gostariam de ter acesso, os estudantes indicam a necessidade/desejo de materiais esportivos para a prática de vôlei e peteca e solicitam bolas com mais qualidade; indicam materiais para prática de jogos e brincadeiras, dentre eles corda, bambolê, baralho, jogos de mesa e totó; indicam livros para leitura; indicam algum aparelho de som para colocar música; indicam material tecnológico como os itens da sala de informática; e por fim, indicam materiais para desenho e pintura.

Quando questiono qual o material que os estudantes levam para uso no recreio, o celular é o material mais citado para fruição por esse grupo participante da pesquisa. Essa importância dada ao celular é reforçada quando os estudantes indicam que o uso liberado do celular é uma das melhores coisas no recreio e quando apontam que gostariam de ter acesso a mais tecnologia, como Wifi e os itens da sala de informática.

Essa evidência corrobora com Silveira e Fortes (2019) que as mídias digitais são fundamentais para o lazer dos estudantes. Sendo assim, por ser algo fundamental, é necessário compreender as tecnologias e as manifestações culturais que os circundam para se construir intervenções condizentes e que possibilitem a ampliação das possibilidades de uso no recreio. Na mesma direção, para se pensar em propostas de intervenção e ampliação do uso das tecnologias, também é necessário refletir sobre estratégias de acesso à tecnologia na escola e no recreio, visto que nem todos os estudantes possuem a possibilidade de adquirir e usufruir determinados equipamentos.

Como discutido na relação entre as práticas e o recreio, uma minoria de estudantes reforça através dos materiais que levam para uso no recreio e gostariam de ter acesso no recreio, a necessidade e o desejo de se ter os livros, acesso a biblioteca e a intrínseca relação com a dança e a música no tempo do recreio. Esses indícios fazem refletir sobre a diversidade de interesses entre os sujeitos e a importância de se oportunizar que essas

práticas emergem no momento do recreio por meio da disponibilidade de materiais diversos.

Em outra perspectiva, se evidência, a partir dos materiais disponibilizados pela escola, que os estudantes elaboram estratégias de fruição de outras práticas e para isso levam outras materialidades permitidas pela escola para o recreio. Contudo, o que chama a atenção é que os materiais indicados como aqueles que gostariam de ter disponíveis no recreio, são materiais que, em sua maioria, a escola possui em seus patrimônios, mas ficam restrito ao uso da disciplina Educação Física.

Durante o período de observação, foi possível identificar algumas pistas em relação a questões dos materiais e as práticas do recreio. Pelo fato dos materiais ficarem trancados, práticas como o tênis de mesa se tornaram inexistentes no recreio, pois os materiais estão indisponíveis e com isso os estudantes não sabem da sua existência. Isso fica evidente, pois, como observado, quando um professor sugeriu que jogassem tênis de mesa em uma das mesas de ardósia da escola os estudantes se mostraram surpresos e empolgados com a possibilidade de jogar o tênis de mesa e com a funcionalidade da mesa.

Ao falar da demanda de materiais e uso na escola, um último ponto a se debater seria: quais são os outros materiais que os estudantes gostariam de levar para usufruir no recreio, mas a escola os impede. É interessante esse ponto, porque como apontado em um relato da professora Gyna, existiu em um momento nesta instituição o desejo de alguns jovens de levarem o skate para seu uso no tempo/espaço de recreio e esses estudantes conseguiram concretizar esse desejo. Além disso, 46,2% (12) dos estudantes indicaram não necessitar/desejar ter acesso a outros materiais.

Como indica a entrevistada A, aparentemente até certo ponto a escola se mostra aberta as demandas dos estudantes como quando foi solicitado o espaço para realização do culto e para a prática do Skate. Contudo, os estudantes A, B e C entrevistados, reforçam que não sabem de nenhuma organização/movimento estudantil ou propostas individuais e de pequenos grupos para reivindicação dos interesses dos estudantes quanto aos materiais disponíveis no recreio. Sendo assim, talvez a falta de disponibilidade de materiais também se dá pela falta de reivindicação dos estudantes. Contudo, também acredito que a impossibilidade de propostas e pessoas para administrar e (re)pensar diariamente o tempo/espaço do recreio faça com que os estudantes não tenham em quem ou o que reivindicar os seus interesses por não verem essa possibilidade de atuação.

5.5 Recreio e as relações estabelecidas

Em diferentes momentos desta pesquisa os estudantes reforçam a importância da socialização, da conversa e do estar com o outro no momento do recreio, mas para além disso o recreio também é um espaço de tensão e de relações de conflito em que de acordo com Cruz e Carvalho (2006) o conflito é uma “manifestação de interesses diferentes e/ou contrários, em que um dos lados procura superar a resistência do outro visando à realização do seu interesse, quer por meio de cooptação e convencimento, quer pela anulação do interesse do outro” (p.121). Dessa forma, quais são e como ocorrem essas relações no recreio? São sempre benéficas para os estudantes? A partir dessas questões, apresento a seguir quais são as relações identificadas pelos estudantes e como eles as compreendem, para isso, utilizo de respostas do questionário e das observações do caderno de campo para refletir esse critério de análise.

Pergunto aos estudantes quem são as principais pessoas que estão juntos no momento do recreio. Como resposta, identifico que 25 (96,1%) dos estudantes indicaram estar com os amigos e/ou pessoas que têm afinidade. Em contrapartida, dois estudantes indicaram ficar sozinhos no momento do recreio. Dos jovens que responderam estar com os amigos e/ou pessoas com afinidade é possível identificar que estabelecem relações com pessoas do mesmo ano (9ºano) inseridos na mesma turma ou de outras turmas.

Essas formas de relacionamento apontam para uma recorrência e importância da relação estudante-estudante onde indicam nas respostas do questionário que o recreio é “tempo para conversar com os amigos”, que se sentem bem nos espaços, pois podem “conversar sobre assuntos com amigos”, que as melhores coisas do recreio são o tempo, as conversas, as brincadeiras, as piadas e a caminhada que realizam com os amigos. Além disso, um dos problemas do recreio é a falta de “alguém do lado para conversar”.

Como indica a estudante A, “normalmente as amizades é mais por grupinho, um grupinho de meninas, um grupinho de meninos, as vezes a gente vê também um grupinho misto”. Sendo assim, a importância dada a socialização pelos estudantes no momento do recreio também se dá pela construção de afinidades, pela proximidade de gostos e pelo compartilhamento de identidades entre pares. E é a partir dessa troca, dessa socialização no momento do recreio que permite aos estudantes construir suas identidades e grupos identitários.

Por outro lado, os estudantes indicam uma relação de tensão entre estudante-estudante de diferentes anos escolares quando se diz que “as pessoas do quarto ou quinto

ano que esbarram na gente direto e ainda ficam com raiva e querendo confusão e nem pedem desculpas, alunos ignorantes que acham que mandam porque chegaram primeiro”. Esse relato inaugura uma percepção de que as relações presentes no recreio não são sempre as mais adequadas perante as normas sociais e que o recreio também é um espaço de tensões, disputas e brigas. Esse fato é reforçado por vários estudantes que indicam que o problema do recreio são as brigas, discussões, gritarias, correrias, confusões, roubos e que modificariam no recreio “as brigas que tem” e “as brigas que o povo arruma”.

Esses dados estão de acordo com a percepção de que o recreio também é um tempo e espaço de recorrência de brigas (DE MARCO; BIM; BALDUÍNO, 2018; PONS, 2013), mas o que se questiona aqui é em qual a forma educacional que se busca investir para proporcionar a reflexão desses jovens sobre os conflitos que emergem no recreio. Se proporcionará atividades orientadas, direcionadas e controladas (OTESBELGUE, BRIÃO, FERREIRA, 2014; CRUZ, SANTOS, CABRAL, 2016; COSTA; LIMA, 2017; DE MARCO; BIM; BALDUÍM, 2018) ou proporcionará formas outras de reflexão sobre os conflitos presentes no recreio escolar?

Acredito, assim como Silveira, Rafael e Rocha (2020) na mediação das(os) professoras(es) sobre os conflitos como uma estratégia potente. Pois a imersão no recreio pode valorizar a autonomia no tempo de intervalo dos estudantes e impulsionar um outro espaço de aprendizagem intencional e de reflexão. Mas também compreendo que essa estratégia de mediação não está ao alcance de todas as instituições visto que o recreio também é compreendido como momento de descanso de estudantes e professores. Neste caso, como na prefeitura de Belo Horizonte, não gera remuneração aos(as) professores(as), o que reforça a negligência com este tempo escolar na organização, administração e cotidiano da escola. Porém é possível pensar em outras estratégias de mediação onde se inclua outros sujeitos que constituem a escola como outros funcionários e os próprios estudantes.

Outra forma de relação destacada é a estudante-educador, entendendo educador como todos os sujeitos que se relacionam com os estudantes na escola e no recreio (porteiro, faxineira(o), professoras(es), etc). Essa forma de relação também é indicada como um aspecto favorável e desfavorável no recreio. Favorável porque indicam que é uma das melhores coisas no recreio “a preocupação e o cuidado que os coordenadores tem com os alunos durante o intervalo”. Desfavorável porque dizem que um dos problemas no recreio são a “educadora que atrapalha lançar passinho” e “que as

funcionárias da escola fica pedindo lanche, mesmo elas tendo seu horário de almoço e café da manhã”.

Não foi possível identificar ao certo pelo questionário qual funcionária pede lanche e o por que exatamente esse estudante vê essa ação como problema para o recreio. Porém, esses indícios parecem indicar que a relação estudante-educador é algo desfavorável para o recreio porque, para além da falta de pessoas para gerir e mediar as situações do recreio, existe um despreparo profissional dos funcionários da escola para se compreender e lidar com o recreio. Esse fato indica uma necessidade de se consolidar, em diferentes espaços de formação, propostas de formação inicial e continuada acerca do recreio e suas especificidades para os diferentes sujeitos que compõem a escola.

Nesta forma de relação entre estudantes e educadores duas coisas chamam atenção: a primeira é que a relação de hierarquia entre educador e estudante existe, mas que ela pode ser ressignificada baseada na relação dialógica entre os sujeitos, como aponta o estudante sobre a preocupação e cuidado dos coordenadores. Segundo que o recreio também é um momento de tensões entre os interesses e valores da instituição escolar e os interesses e valores dos estudantes, como percebemos quando um jovem afirma que a escola atrapalha o passinho de BH.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da triangulação entre o diário de campo, o questionário e as entrevistas foram possíveis identificar diversas evidências e sugestões das juventudes sobre os sentidos, as manifestações culturais, os espaços, os materiais e as relações que ocorrem no tempo/espaço de recreio. Essas indicações não se fazem generalistas por ser um estudo de caso, mas podem contribuir com reflexões sobre como está sendo pensado, organizado e legislado o recreio.

É necessário refletir sobre o processo de planejamento do recreio e compreendê-lo, corroborando com o parecer CNE/CEB de 02/2003, como atividade integrada as horas dos 200 dias letivos de atuação de todas as professoras/es que se inserem na gestão da escola, que se elabore propostas condizentes com o projeto político pedagógico da escola e se valorize a diversidade de interesses dos estudantes, o ócio e a possibilidade de fruir o recreio como tempo de lazer que estimule a criatividade dentro da escola.

Compreendo que essa é uma tarefa difícil, é um processo contínuo e longo, visto que, por exemplo, em Belo Horizonte, não está concreto na legislação se o/a professor/a é ou não remunerado no tempo de recreio, ou a quem no quadro de profissionais da educação caberia a responsabilidade de propor e cuidar deste tempo escolar, mas acredito que seja importante olhar para esse tempo e espaço e repensá-lo de acordo com a realidade e o contexto dos sujeitos, mas que valorize a autonomia, a mediação e uma proposta pedagógica no recreio.

Como exemplo de propostas de organização do recreio que valorizam a autonomia, a escolha, a mediação e estão condizentes com a proposta pedagógica da escola, cito dois projetos: o “Projeto Anjos do Recreio” (ANDRADE, 2020) e o “Projeto de ensino: Lazer, sociabilidade e construção da autonomia” (SILVEIRA, 2020; e SILVEIRA; RAFAEL; ROCHA, 2020).

O Projeto “Anjos do Recreio” é uma proposta consolidada a 22 anos na escola onde se organiza os espaços por práticas de interesse em que as próprias crianças se disponibilizam, os chamados “Anjos”, para gerir os espaços, os materiais e as práticas do recreio. Além disso, é sistematizado reuniões semanais com os “Anjos” e as/os professoras/es responsáveis pelo projeto. Nessas reuniões se recebe demandas dos estudantes e discute formas de resolução de problemas que emergem no recreio.

O “Projeto de ensino: Lazer, sociabilidade e construção da autonomia” é desenvolvido na escola de educação básica da UFMG, o Centro Pedagógico, onde por meio de uma proposta de atividade (PAT) os estudantes indicam as atividades de interesse, o objetivo, quem vai organizar, os estudantes interessados, o espaço a ser utilizado, o horário (visto que por ser uma escola de tempo integral possuem diferentes tempos de intervalo), os materiais necessários e a forma de resolução de conflitos durante a realização da atividade. Esse PAT é preenchido e encaminhado a coordenação do projeto onde é aprovada ou não a solicitação. Quando aprovada os próprios estudantes que solicitaram a atividade gerem com autonomia as práticas e as/os professoras/es se apresentam apenas como mediadores das questões que emergirem, mas inicialmente o próprio PAT guia os estudantes na resolução dos conflitos. Quando o PAT não consegue resolver os conflitos os estudantes repensam a proposta do PAT em conjunto com um/a professor/a.

Ao afirmar a importância de se pensar o recreio como atividade escolar com propostas pedagógicas condizentes, algumas lacunas não foram respondidas nessa pesquisa, mas são importantes para reflexão. Dentre essas lacunas, podemos questionar

os seguintes pontos: Por que os estudantes não se organizam para questionar e reivindicar a organização da escola sobre o recreio? Será que a escola está atenta as demandas dos estudantes no recreio? Como lidar com os diferentes interesses, dos estudantes e da escola, no tempo e espaço do recreio? Quais são as outras práticas invisibilizadas no momento do recreio? Como a escola pode abrir espaço para a emergência dessas práticas invisibilizadas? Como lidar com a possibilidade de empréstimos de materiais no momento do recreio? Como pensar em um recreio dialógico, democrático, inclusivo e participativo? Quais são as necessidades e desejos dos estudantes com deficiência sobre o recreio? Estas questões provocam outros olhares e possibilidades de investigação para compreensão do recreio como tempo escolar e prática de lazer.

Fernandes (2015) afirma que todas/os as/os professoras/es de diferentes disciplinas escolares devem se envolver na construção e continuidade de propostas no recreio. Sendo assim, corroborando com essa afirmação e com as reflexões desta pesquisa, acredito que se faz necessário fomentar discussões acerca do recreio ao longo do processo de formação inicial e continuada de professoras/es de todas as licenciaturas, porque mesmo encontrando nessa pesquisa uma relação intrínseca entre as práticas que emergiram no recreio, a Educação Física e o lazer, as propostas pedagógicas no recreio devem buscar dialogar com os diferentes educadores presentes na escola e para se organizar proposta condizentes com os interesses dos estudantes, priorizando a autonomia e a mediação se faz necessário ter espaços de formação e debater sobre o tempo/espaço de recreio.

Por fim, espero que esta pesquisa seja o começo de uma trajetória investigativa pessoal e que instigue os diferentes sujeitos presentes na escola a repensarem o tempo e espaço do recreio em diálogo com os interesses dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sabrina Monique Bora de. O recreio escolar como uma experiência de lazer da criança: Entre o dito e o não-dito, o brincar e o trabalhar em uma escola pública de Curitiba/PR. Dissertação de mestrado do curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2020.

BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em < planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 19 de jan. 2021.

BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 17 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. (2003). Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 02/2003, de 19 de fevereiro de 2003. Sobre o Recreio como atividade escolar. Brasília, DF: CNE/CEB.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Um olhar sobre o jovem no Brasil. Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde**, p. 29-44, 2008.

BUTTURE, E.T.S.; SILVA, A.I.T.A.. A coordenação pedagógica na organização do espaço escolar: como desenvolver atividades significativas no horário do recreio. In. Anais do XIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). Paraná, 2017. Disponível em <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26073_13572.pdf>. Acessado em 19 jan. 2021.

CABRITA, Ana Maria Gil Santos. Recreio: Espaço de Lazer/Tempo de Aprender. 2005. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração e Planificação em Educação, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2005.

CAPES. **Referente ao Programa Residência Pedagógica**. Disponível em <<https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>> Acessado em 15 Out. 2019.

CARVALHO, Érica Blascovi; PAPALÉO, André Luiz. Recreios ativos através do resgate das brincadeiras infantis. **Estratégias de Promoção da Saúde do Escolar: Atividade Física e Alimentação Saudável**, 1ª edição, 2010, p. 61.

COSTA, Gean Giermanowicz; LIMA, Valderéz Marina. Analisando o Recreio Consciência?: uma estratégia não formal na rede pública de ensino. **IV SIPASE? Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação, 2017, Brasil.**, 2017.

CRUZ, Joabe Clementino; SANTOS, Marta Angélica Pinheiro; CABRAL, Anne Emilie Souza. INTERVALO ORIENTADO: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 3, n. 2, p. 281-290, 2016.

CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 113-143, 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG**, v. 194, p. 136-162, 1996.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 49, p. 51-54, 1984.

DE MARCO, Jean Carlos Parmigiani; BIM, Mateus Augusto; BALDUÍN, Deonilde. Recreio em Movimento no PIBID: atividades e brincadeiras no desenvolvimento físico, cognitivo e social (p. 185-195). **Revista de Ciências da Educação**, p. 185-195, 2018.

DUMAZEDIER, Joffre et al. **Sociologia empírica do lazer**. 1979.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. Administração regional no estado de São Paulo, 1980

FANTONI, Aline de Carvalho; SANFELICE, Gustavo Roesse. Tempo e espaço para brincar: considerações acerca do recreio escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 24, p. 169-186, 2018.

FANTONI, Aline; SANFELICE, Gustavo Roesse. Tempo e espaço para brincar: considerações acerca do recreio escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 24, p. 169-186, 2018.

FARIA, Fernanda Rocha *et al.* Intensidade e sazonalidade da atividade física de crianças durante o recreio escolar. **Revista da Educação física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 117-125, 2014.

FERNANDES, J.M. O recreio como um tempo-espaço democrático: possibilidades e limitações. Dissertação de mestrado do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais. Universidade Nove de Julho (Uninove). 2015.

FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. . Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, p. 19-34, 2000.

GOMES; A.M.R; FARIAS; E.L. Lazer e Cultura: Volume 1 Lazer e diversidade cultural. Brasília, SESI, p. 1-89. 2005.

GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio**. Christianne Luce Gomes, 2012.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GONÇALVES, Vinícius Pauletti; FRAGA, Alex Branco. A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 87, p. 4, 2005.

IPEAD. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas Administrativas e Contábeis de Minas Gerais. Pesquisas em Mercado Imobiliário – Belo Horizonte. Belo Horizonte. Minas Gerais. 2018. Disponível em < https://ipead.face.ufmg.br/site/wp-content/uploads/2018/11/Classes_Bairros_BH_com_mapa.pdf> Acessado em 08 fev. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A Construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, Luís *et al.* A importância do recreio escolar na atividade física das crianças. **Atividade física, saúde e lazer: educar e formar**, p. 65-79, 2012.

LOPES, Luís; LOPES, Vitor Pires; PEREIRA, Beatriz. Atividade física no recreio escolar: estudo de intervenção em crianças dos seis aos 12 anos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 4, p. 271-280, 2006.

MALTA, Mariana **O LAZER, OS JOVENS e A ESCOLA: territórios, acontecimentos e conhecimentos no cotidiano de uma escola pública, de ensino fundamental, no município de Belo Horizonte.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da EEFPTO – UFMG, 2015

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. **Identidade juvenil e identidade discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural.** Belo Horizonte. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da UFMG, 2006.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O Lazer Sério de Robert A. Stebbins. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 17, n. 1, 2014.

OTESBELGUE, Roseli; BRIÃO, Vera Lúcia; FERREIRA, Maira. Química na hora do recreio. **Encontro de Debates sobre o Ensino de Química**, v. 1, n. 1, p. 428-429, 2014.

PARENTE, Claudia da Mota Darós. A construção dos tempos escolares. **Educação em revista**, v. 26, n. 2, p. 135-156, 2010.

PEREIRA, B., NETO, C. & SMITH, P. (2003). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do “Bullying” na Escola. In C. Neto (Ed.). *Jogo e Desenvolvimento da Criança* (pp. 238-257). Cruz Quebrada: mh edições.

PONS, Renata Victória. As crianças do ensino fundamental e o recreio dirigido: possibilidades e contribuições. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar. Universidade Federal do Paraná, 2013.

PRATES, Vera Terezinha Soares. **Recreio, que espaço é esse?**. Trabalho de Conclusão de Curso para Graduação em Pedagogia Licenciatura na UFRGS. Porto Alegre, 2010.

RECHIA, Simone. **O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.27, n.2, p.91-104, 2006.

SILVA, Anna Cristina Costa da. **Infâncias em vinte minutos!:** histórias de reivindicação, insistência, resistência e (re) invenção no recreio escolar. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação / UFRGS. 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em revista**, v. 22, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Leandro Veloso. **Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola: mapeando os conhecimentos de inflexões de aprendizagem no brincar de crianças.** Belo Horizonte. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da EEEFTO- UFMG, 2020.

SILVEIRA, G.C.F. ENTRE CELULARES, TABLETS, CONSOLES E COMPUTADORES: práticas digitais de adolescentes de uma escola pública de ensino fundamental. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da EEEFTO - UFMG, 2019

SILVEIRA, G.C.F.; CAMPOS, T. Projeto de Extensão Escola de Esportes do Centro Pedagógico. UFMG, 2016.

SILVEIRA, G.C.F.; RAFAEL, L.S.A.; ROCHA A. M. . Recreio e Lazer: Uma reflexão a partir de duas experiências escolares. In Coletânea XIV Encontro Internacional Científico Otium e Congresso Iberoamericano de Estudos do Lazer, Ócio e Recreação, 2020, Belo Horizonte, UFMG/EEFTO. Disponível em <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/congresse-me-assets-host/articles/archives/8071/original/Coletanea_do_XIV_Encontro.pdf?1606239773>

SILVEIRA, G.C.F; FORTES, R. Letramento digital: Entre a apropriação e a proibição das práticas digitais de lazer na formação de adolescentes. In: Lazer, práticas sociais e mediação cultural. GOMES, C. L; DEBORTOLI, J.A.; SILVA, L.P.. Campinas, SP. Editora Autores Associados, p. 55-73, 2019.

SILVEIRA, Guilherme. Projeto de ensino: Lazer, sociabilidade e construção da autonomia. Belo Horizonte. Centro Pedagógico, 2020.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A construção do gênero no espaço escolar. **Movimento. Porto Alegre. Vol. 12, n. 1 (jan./abr. 2006), p. 59-80.**, 2006.

Anexo I – TCLE



Pesquisa Recreio na escola: possibilidades de ampliação de práticas de lazer em diálogo com os estudantes

Prezado/a senhor/a, o/a estudante sob sua responsabilidade está sendo convidado/a a participar do presente estudo. O texto abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa. Caso tenha dúvidas, teremos prazer em esclarecê-las. Se concordar, sua colaboração será muito importante para nós. Mas, se não quiser que o/a menor sob sua responsabilidade participe ou se quiser desistir a qualquer momento, isto não causará qualquer prejuízo, nem a você, nem ao menor sob a sua responsabilidade.

- ✓ Objetivo da pesquisa: Investigar e mapear as práticas de lazer desenvolvidas por estudantes de 9º ano no recreio escolar.
- ✓ A pesquisa ocorrerá em dois momentos: O primeiro, o/a estudante responderá a um questionário com questões relacionados ao objetivo da pesquisa. O segundo, o/a estudante participará de uma entrevista por meio de videoconferência para aprofundar a compreensão sobre as respostas no questionário.
- ✓ Os riscos da participação do/a menor sobre sua responsabilidade na pesquisa são os seguintes: ter informações pessoais expostas, responder a um questionário e ser abordado/a em uma entrevista o que poderá causar constrangimentos.
- ✓ Os benefícios da participação do/a estudante sob sua responsabilidade na pesquisa são os seguintes: permitir uma análise aprofundada sobre as compreensões das juventudes sobre o recreio; compreender as apropriações dos estudantes no tempo e espaço do recreio; e compreender as necessidades e desejos dos estudante sobre o recreio.
- ✓ Caso o/a estudante sob sua responsabilidade se sinta constrangido/a no momento da entrevista ou ao responder ao questionário, ele(a) poderá interromper a participação a qualquer hora.
- ✓ O/A estudante sob a sua responsabilidade tem a liberdade de desistir ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de dar qualquer explicação;
- ✓ A desistência não causará nenhum prejuízo a você, nem ao estudante sob a sua responsabilidade;

✓ A participação neste estudo não terá custo algum para você nem para o/a estudante sob a sua responsabilidade;

✓ A participação do/a estudante sob a sua responsabilidade não produzirá qualquer forma de pagamento pela participação, mas nos comprometemos a disponibilizar apoio caso a pesquisa gere algum risco a integridade física, mental ou de qualquer outra natureza ao participante;

✓ As entrevistas e os questionários serão mantidos em sigilo, nos arquivos do pesquisador na sala do Grupo de Pesquisa EduDança e na Escola Municipal Oswaldo França Júnior por um período máximo de 5 (cinco) anos, sendo divulgados em publicações científicas, nas quais nunca será mencionado o seu nome ou do menor sob a sua responsabilidade;

✓ Caso você se interesse, podemos fornecer os resultados ao final deste estudo para seu conhecimento;

✓ Você poderá contatar Leandro Rafael (leandro768rafael@gmail.com), Elisângela Chaves (orientadora da pesquisa - elischaves@hotmail.com), ou a Comissão de Ética da UFMG (CEP: coep@prporque.ufmg.br, 3409-4592), para qualquer assunto relacionado ao presente estudo.

✓ O CEP/UFMG deverá ser procurado apenas se houver alguma dúvida de conteúdo ético em relação à pesquisa.

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail _____

Nome completo do responsável *

Sua resposta _____

Nome completo do estudante *

Sua resposta _____

A partir da explicação acima você concorda com a participação do/a estudante sob a sua responsabilidade na pesquisa? *

- Concordo com a participação.
- Não concordo com a participação.

Anexo II – TALE e Questionário



Pesquisa Recreio na Escola: Possibilidade de ampliação de práticas de lazer em diálogo com estudantes

Caro/a estudante, você está sendo convidado/a para participar de uma pesquisa. O texto abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa. Leia atentamente. Caso tenha dúvidas, teremos prazer em esclarecê-las. Se concordar, sua colaboração será muito importante para nós. Mas, se não quiser participar ou se quiser desistir a qualquer momento, isto não causará qualquer prejuízo a você.

- ✓ Objetivo da pesquisa: Investigar e mapear as práticas de lazer desenvolvidas por estudantes de 9º ano no recreio escolar.
- ✓ A pesquisa ocorrerá em dois momentos. O primeiro consistirá em responder a um questionário com questões relacionadas ao objetivo da pesquisa. No segundo momento, realizaremos entrevistas com os/as estudantes por meio de videoconferência para aprofundar a compreensão sobre as respostas.
- ✓ Os riscos da sua participação na pesquisa são os seguintes: ter informações pessoais expostas, responder a um questionário e ser entrevistado/a, o que poderá causar constrangimentos.
- ✓ Os benefícios da sua participação na pesquisa são os seguintes: permitir uma análise aprofundada da compreensão das juventudes sobre o recreio; compreender as apropriações dos/as estudantes no tempo e espaço do recreio; e compreender as necessidades e desejos dos/as estudantes sobre o recreio.
- ✓ Você pode desistir ou interromper a sua participação neste estudo no momento que desejar, sem necessidade de dar qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a você.
- ✓ A participação neste estudo não terá custo algum para você;
- ✓ A sua participação não produzirá qualquer forma de pagamento pela participação, mas nos comprometemos a disponibilizar apoio caso a pesquisa gere algum risco à integridade física, mental ou de qualquer outra natureza ao participante;
- ✓ As entrevistas, os questionários e as informações coletadas nas observações serão mantidos em sigilo, nos arquivos do pesquisador na sala do Grupo de Pesquisa EduDança e na Escola Municipal Oswaldo França Júnior por um período máximo de 5 (cinco) anos, sendo divulgados em publicações científicas, nas quais nunca será mencionado o seu nome;

✓ Caso você se interesse, podemos fornecer os resultados ao final deste estudo para seu conhecimento;

✓ Você poderá contatar Leandro Rafael (leandro768rafael@gmail.com), Elisângela Chaves (orientadora da pesquisa - elischaves@hotmail.com), ou a Comissão de Ética da UFMG (CEP: coep@prporque.ufmg.br, 3409-4592), para qualquer assunto relacionado ao presente estudo.

✓ O CEP/UFMG deverá ser procurado apenas se houver alguma dúvida de conteúdo ético em relação à pesquisa.

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail _____

Nome completo do Estudante *

Sua resposta _____

Identificação de gênero *

Feminino

Masculino

Não-Binário

Prefiro não dizer

Outro: _____

Como se identifica *

- Negro/a
- Branco/a
- Pardo/a
- Indígena
- Outro: _____

Diante da explicação acima sobre a pesquisa, você aceita participar deste estudo? *

- Aceito participar desta pesquisa
- Não aceito participar desta pesquisa

Questionário para estudantes do 9º ano

Olá!
Agradecemos o seu aceite em participar da nossa pesquisa.

Enviaremos uma cópia para seu e-mail do termo de consentimento preenchido acima.

A partir de agora, apresentaremos algumas questões de múltipla escolha e abertas para que você responda.

Preencha todas as questões e não se esqueça de clicar no botão "Enviar" no fim da página, ao acabar de responder.

Qualquer dúvida, entre em contato com Leandro Rafael (leandro768rafael@gmail.com ou (31)993440955) que terei o prazer em respondê-lo/a.

Há quanto tempo você estuda na Escola Municipal Oswaldo França Junior? *

- 9 anos
- 8 anos
- 7 anos
- 6 anos
- 5 anos
- 4 anos
- 3 anos
- 2 anos
- 1 ano
- Outro: _____

O que é o recreio para você? *

Sua resposta _____

Você se sente livre para realizar a atividade que quiser no recreio? *

- Sim
- Não

Marque as principais atividades que você realiza no recreio *

- Entra nas redes sociais
- Joga no celular ou notebook
- Conversa com os/as amigos/as
- Descansa
- Joga Futebol
- Dança
- Caminha pela escola, conversando
- Joga truco
- Joga Uno
- Lancha
- Anda pela escola
- Outro: _____

Marque os principais espaços que você ocupa no recreio da escola *

- Quadra
- Pátio de entrada da escola (próximo a portaria ao lado da garagem)
- Pátio atrás da quadra (próximo a sala da escola integrada)
- Cantina
- Mesas de ardósia (atrás da sala dos professores)
- Palco ao lado das mesas de ardósia
- Pátio que fica entre a cantina e as salas de aula do 1º andar
- Arquibancada da quadra
- Outro: _____

Você se sente bem com os espaços que ocupa no recreio? *

- Sim
- Não

Por que você se sente bem ou não com os espaços que ocupa no recreio? *

Sua resposta _____

Você sente a necessidade ou o desejo de ocupar outros espaços da escola, que não estão disponíveis durante o recreio? *

- Sim
- Não

Se respondeu sim na questão anterior, Quais outros espaços você gostaria de ocupar? (Se respondeu não escreva "não" abaixo) *

Sua resposta _____

Você se sente bem com as atividades que realiza no recreio? *

- Sim
- Não

Existe alguma atividade que você gostaria de fazer no recreio, mas não consegue por qualquer motivo? *

- Sim
- Não

Se respondeu sim na questão anterior. qual (is) atividades gostaria de realizar? (Se respondeu não escreva "não" abaixo) *

Sua resposta _____

Você faz uso de algum material emprestado pela escola no recreio? *

Sim

Não

Você leva algum material para uso no recreio da escola (Ex. Baralho. bola. notebook. caixa de som etc.)? *

Sim

Não

Se respondeu sim na questão anterior. qual(is) material (is) você leva? (Se respondeu não escreva "não" abaixo) *

Sua resposta _____

Você gostaria de ter acesso a uma variedade maior de materias no recreio? *

Sim

Não

Se respondeu sim na questão anterior. qual(is) materiais gostaria de ter acesso? (Se respondeu não escreva "não" abaixo) *

Sua resposta _____

Quais são as principais pessoas que você está junta/o no momento do recreio? *

Sua resposta

Quais são as melhores coisas do recreio em sua escola? *

Sua resposta

Quais são os maiores problemas do recreio em sua escola? *

Sua resposta

Se você pudesse, o que você modificaria no recreio de sua escola? *

Sua resposta

Há alguma outra questão importante sobre o recreio na sua escola que você gostaria de comentar? *

Sua resposta

Você tem disponibilidade para participar de uma entrevista, por meio de videoconferência, que busca aprofundar as respostas apresentadas nesse questionário? (em caso afirmativo, marque os melhores dias e horários para você participar dessa entrevista).

	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEGUNDA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TERÇA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
QUARTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
QUINTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SEXTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>